

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Edmilson Lino Guilherme

*As Experiências de Trabalhadores Autônomos
no Setor da Construção Civil: Uberlândia
1970-1997*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA CDHIS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM
DE HISTÓRIA - UFU

N.º 1227

Data 09/03/1998

UFU - 1998

1.589

59
(10)

1589

Agradecimentos

Aos meus pais, Agenôr e Josefa que não mediram esforços para que eu pudesse estudar.

A Coraly

pela orientação, incentivo e compreensão.

A Cibeles

pelo apoio, dedicação e carinho nos momentos mais difíceis desta fase da pesquisa.

E a todos os colegas de pesquisa e curso Antunes, Jorgetânia, Rosângela, Ana Magna, Patrícia, ...

Dedicatória

A todos os trabalhadores entrevistados que através de seus depoimentos me proporcionaram resgatar parte de suas histórias.

Ao companheiro

✠ José Carlos Magno

“Os homens vivem sua experiência integralmente como idéias, necessidades, aspirações, emoções, sentimentos, razão, desejos, como sujeitos sociais que improvisam, forjam saídas, resistindo, se submetendo, vivendo enfim, numa relação contraditória, o que nos faz considerar essa experiência como experiência de luta e de luta política. Nesse sentido a luta de classe é, ao mesmo tempo e na mesma medida, luta de interesses e de valores. Cultura passa a ser apreendida como todo um modo de vida e todo um modo de luta, não podendo ser pensada com reflexo ou eco de uma base material.”

A Pesquisa em História (Maria do Pilar de Araújo Vieira e outros)

Sumário

Introdução	01
Cap. I	
O Fazer-se dos Trabalhadores da Construção Civil no Mercado Informal	09
Cap. II	
Valores e Significados das Práticas Cotidianas	41
Considerações e Encaminhamentos	63
Fontes Consultadas	69
Bibliografia	77

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de resgatar as experiências dos trabalhadores da construção civil, inseridos no mercado informal da cidade de Uberlândia. Ao apresentar a pesquisa, torna-se fundamental descrever os caminhos que percorri e as opções que fiz para resgatar a experiência de vida destes trabalhadores.

Com as discussões travadas junto ao projeto "A experiência dos trabalhadores na constituição das relações sociais no espaço urbano: Uberlândia 1950-1996", coordenado pela Prof^a. Dr.^a Coraly Gará Caetano, que tinha como objetivo pesquisar as experiências de trabalhadores diversos, inseridos no contexto de uma problemática ampla, qual seja, a relativa ao mercado de trabalho informal na cidade de Uberlândia.

Partindo desta proposta optei por pesquisar os trabalhadores da construção civil, pois tal tema está diretamente relacionado a minha convivência com este universo de trabalhadores.

Sendo filho de um trabalhador deste ramo, esta realidade sempre esteve próxima. Seja nas conversas no âmbito familiar e nas relações de amizades. Ou mesmo no "bate papo" com colegas, falando sobre as relações de trabalho, as dificuldades do dia-dia, a incerteza do emprego, o salário baixo, as esperanças e decepções diante dos obstáculos apresentados. Bem como a dificuldade de acesso a saúde, moradia e educação.

E muito me intrigava a maneira como alguns trabalhadores viviam e se relacionavam, sem registro em carteira, não contando com as garantias trabalhistas. Portanto esse trabalho nasce da preocupação em investigar a experiência de vida dos trabalhadores da construção civil inseridos no mercado informal.

Ao ingressar no grupo de pesquisa, deparei com uma diversidade de pesquisas, sendo que algumas estavam iniciando e outras já se encontravam em processo de conclusão. Entre elas as referentes as empregadas domésticas (Jorgetânia), costureiras (Antunes), os catadores de papel (Ana Magna), carroceiros (Sérgio Paulo) e os Chapas

(Luzia Marcia)¹. Essa riqueza e diversidade de temas e categorias de trabalhadores possibilitou discutir as dificuldades práticas e teóricas das pesquisas presentes naquele grupo, o que contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho.

Tendo como referencial teórico as obras do historiador inglês E. P. Thompson, fui me convencendo cada vez mais da importância de trazer para a luz da investigação a categoria de trabalhadores da construção civil inserida no mercado informal. No sentido de investigar as relações de trabalho, as experiências de vida, as formas de acesso a moradia, saúde, educação e a sua própria intervenção no espaço urbano, através das mais diversas formas de luta.

A leitura da obra de Thompson, aliada ao ato da pesquisa me fez perceber a dimensão e importância do arcabouço teórico aliado a uma prática de resgate de classe trabalhadora.

A opção por uma história social, problematizadora, pode ser traduzida nas palavras de Dea Fenelon quando diz:

“... propõe-se então como interesse de investigação o captar e problematizar momentos do processo de constituição das classes, de sua luta e analisar angulações particulares da articulação entre trabalho, classe, sociedade, dominação e exploração, cotidiano, vida, educação, religião, família etc.”²

Esta história social problematizadora, apresentada por Dea Fenelon é extremamente perturbadora, porque nos faz rever a maneira como a história da classe trabalhadora vem sendo escrita. Quando privilegia as lideranças e os setores mais “revolucionários”, se constitui numa versão incapaz de dar conta da dimensão de singularidades e modos de vida

¹ Monografia de Jorgetânia da Silva Ferreira “Trabalhadoras Domésticas: Múltiplas Faces do Cotidiano, Uberlândia 1970-1997. Projeto de Pesquisa de E. Antunes “O Informal pelo Formal: Trabalhadores costurando sua História”. Monografia de Ana Magna da Silva Couto “Os catadores de papel: Práticas e intervenções na cidade, Uberlândia 1970-1997”. Projeto de Pesquisa de Sérgio Paulo Moraes “As Experiências dos Carroceiros Autônomos na cidade de Uberlândia: 1985-1998”. Projeto de Pesquisa de Luzia Márcia Resende Silva “Trabalhadores Chapas em Uberlândia - 1950-1996”

² FENELON, Dea Ribeiro. Trabalho, Cultura e História Social: Perspectivas de Investigação In: Revista Projeto História e Historiografia, Contribuições ao Debate. PUC, São Paulo, 1984.

da classe trabalhadora.

Falar dos trabalhadores inseridos no mercado informal da construção civil significa falar de uma categoria que se caracteriza pela diversidade de atividades. Encontramos carpinteiros, pedreiros, serventes, eletricitas, pintores, ajudantes, armadores, entre outros.

Essa pesquisa teve a preocupação de resgatar como este mercado de trabalho se constitui, considerando sua heterogeneidade e tendo como referência as experiências destes trabalhadores. No sentido de perceber as suas representações de moradia, educação, saúde e como reelaboram valores relacionados a família, religiosidade, trabalho. Em suma seus modos de vida.

O resgate por essa ótica, justifica-se a princípio mediante o descaso da historiografia local para com os trabalhadores inseridos no dito mercado de trabalho "informal". Mesmo a nível nacional poucos tem sido os trabalhos realizados e os que encontramos referem-se especificamente aos trabalhadores do setor formal.

Para focalizar esta perspectiva de abordagem da pesquisa, qual seja, a de construir a história destes trabalhadores a partir de suas experiências, fez-se necessário buscar fontes que estivessem diretamente ligadas a essa perspectiva.

Neste sentido a fonte oral nos permitiu construir uma história, onde um grupo social pudesse através de entrevistas expressar seus sonhos, seu cotidiano e suas representações e contradições, enfim seus modos de vida. Sabemos que essa fonte não pode ser tratada como uma verdade absoluta e inquestionável, mas enquanto reelaborações de momentos de suas vidas e por isso permeados de subjetividade. São esses aspectos e particularidades que procuramos registrar, enquanto práticas individuais ou coletivas de um fazer-se cotidiano.

Sobre o acesso aos trabalhadores entrevistados, este ocorreu através de contatos com vizinhos e moradores de bairros próximos (região noroeste da cidade). Pois nesta região concentra-se um grande número de trabalhadores inseridos no mercado informal da construção.

Foram realizadas 23 entrevistas com 19 trabalhadores.³ As entrevistas tiveram

³ Entre as entrevistas realizadas, duas foram com pessoas ligadas ao Sindicato da Construção Civil e Imobiliário de

duração de 1h a 1h:30 min. e foram realizadas nas casas dos entrevistados, com exceção de duas, feitas em minha casa.

Procurei respeitar a diversidade de profissões e entrevistei na medida do possível os diversos profissionais da construção civil, sendo: 9 pedreiros, 2 serventes, 2 carpinteiros, 1 armador, 1 eletricitista, 1 mestre de obra, 1 pintor.

Procuramos ao longo da pesquisa desenvolver discussões partindo das questões colocadas nos depoimentos orais, juntamente com as discussões teóricas realizadas pelo grupo. Tornando-se assim fundamental a leitura de vários textos sobre História Oral, que foram importantes na medida em que possibilitaram o contato com os procedimentos e debates acerca dos “usos e abusos” desta fonte.

A utilização desta fonte permitiu a construção de uma documentação nova, que surgiu a partir do estabelecimento de uma interação, de confiança entre as partes envolvidas: entrevistador e depoente. Mas essa troca de experiência ocasionada por este contato próximo entre os envolvidos suscita mais que novos objetos e uma nova documentação, segundo Etienne François:

“...estabelece uma relação original entre historiador e os sujeitos da história. Que essa relação, diferente daquela que o historiador mantém com a documentação inanimada é de certa forma mais perigosa e terrível, nem é preciso lembrar: uma testemunha não se deixa manipular tão facilmente quanto uma série estatística, e o encontro propiciado pela entrevista gera interações sobre as quais o historiador só tem um domínio parcial...”⁴

Esta interação apontada pela autora remete a uma riqueza de questões, que só poderia ser propiciada por esse contato, as quais foram foco de nossa atenção e problematização.

Para Alessandro Portelli o contato entre os envolvidos (entrevistador e depoente) tem que se pautar por uma busca de igualdade. Neste sentido ele diz:

Uberlândia, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. (Elcimar Godoi e Reinaldo Rosa de Souza)

⁴ FRANÇOIS, Etienne. “A Fecundidade da História Oral” In: FERREIRA, Marieta Moraes de e AMADO, Janaina (orgs) Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

“A entrevista de campo, por conseguinte, não pode criar uma igualdade que não existe, mas ela pede por isto. A entrevista levanta em ambas as partes uma consciência da necessidade por mais igualdade afim de alcançar maior abertura nas comunicações (.....)”⁵

Ao dirigirmos a pesquisa de campo estamos diante de situações que muitas vezes são inesperadas. Não se trata apenas de ligar o gravador e fazer algumas perguntas já programadas. A visão que temos da história oral é mais ampla e nos exige mais do que isso, exige o diálogo e a percepção de que somos parte de um todo.

Um debate que nos coloca Phellipe Joutard é a discussão entre História Oral ou fontes orais, a esse respeito nos diz:

*“É bem verdade que todo historiador lúcido sabe perfeitamente até que ponto ele mesmo se projeta em qualquer pesquisa histórica, fato o historiador oral percebe ainda claramente: a qualidade da entrevista depende também do envolvimento do entrevistador, e este não raro obtém melhores resultados quando leva em conta sua própria subjetividade. Porém reconhecer tal subjetividade não significa abandonar todas as regras e rejeitar uma abordagem científica, isto é, a confrontação das fontes, o trabalho crítico, a adoção de uma perspectiva. Pode-se mesmo dizer, sem paradoxo, que o fato de reconhecer sua subjetividade é a primeira manifestação de espírito crítico”.*⁶

Phellipe Joutard nos coloca algumas questões importantes, no sentido de compreender-mos que o uso da fonte oral não deve ser colocado como uma verdade absoluta, nem mesmo como uma disciplina autônoma, uma nova disciplina. Mas faz-se necessário pensá-la criticamente confrontando com outras fontes.

A utilização da fonte oral neste trabalho foi de extrema importância para resgatar a

⁵ PORTELLI, Alessandro. A Morte de Luigi Trastulli e outras histórias: Forma e Significado na história Oral. (mimeo).

⁶ JOUTARD, Phellipue. “História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos” In: FERREIRA, Marieta Moraes de. e AMADO, Janaína. (Orgs). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

trajetória dos trabalhadores inseridos no mercado informal da construção civil, partindo de suas falas e da sua própria experiência. É interessante ressaltar que os depoimentos dos entrevistados, são reelaboraões de seu passado, feitas à luz de seu presente e de sua interpretação.

Além dos textos sobre História Oral recorreremos a outros trabalhos que tinham como referencial o uso da fonte oral, e que contribuíram para o amadurecimento sobre o tratamento dado ao objeto de pesquisa.

Trabalhos como o de Luzia Márcia Resende(1996), João Carlos de Souza(1993), Edilza Joana Fontes(1989), me proporcionaram perceber maneiras diferentes de trabalhar com a fonte oral, tendo como objetivo central o resgate da trajetória de vida de diferentes sujeitos históricos.⁷

Além disso procurei uma bibliografia sobre o tema dos trabalhadores na construção civil e encontrei algumas obras sobre o assunto. Como o livro de Ronaldo do Livramento Sobrinho: "Operário da Construção Civil: Urbanização, Migração e Classe Operária no Brasil" (1983) , que trata de investigar e analisar as condições de vida e as representações de operários de origem rural empregados na indústria de construção civil na região do Grande Rio. É um dos primeiros trabalhos a trazer para o debate, essa categoria de trabalhadores até então esquecida pela historiografia da classe trabalhadora. Coutinho vai procurar na experiência de vida destes trabalhadores migrantes a compreensão do universo de relações sociais estabelecidas no canteiro da obra.

O autor optou por pesquisar trabalhadores empregados nas grandes construtoras, apontando aspectos relevantes para nossa pesquisa. Entre eles, a "obra" como um espaço marcadamente hierárquico onde há o rígido controle das atividades executadas pelos trabalhadores. Esse controle é feito praticamente pelos encarregados e chefes. Ascender profissionalmente dentro de uma obra exige do servente ou ajudante, o estabelecimento de boas relações com os seus superiores. Além disso essa ascensão não depende só de um

⁷Dissertação de Mestrado de Luzia Marca Resende Silva "Os Trabalhadores em Luta pela Terra no Triângulo Mineiro, 1989-1996", PUC São Paulo, João Carlos de Souza "Cultura e Valores, Representações dos ocupantes de terra na zona leste de São Paulo, Tese mimeo, Puc, SP, 1993. Edilza Joana Fontes "O Pão Nosso de Cada Dia ", Tese mimeo, UNICAMP, Campinas, 1993.

bom relacionamento, depende também da aquisição das ferramentas básicas, indispensáveis a execução das tarefas programadas em cada ofício. Essa aquisição impõe ao servente a economia de um excedente.

Nair Heloísa Bicalho também trata deste assunto em seu trabalho “Construtores de Brasília: Estudo de Operários e Participação Política” (1983), investigando as condições de trabalho e a formação de uma consciência de classe entre os empregados de uma grande construtora em Brasília.

A autora narrar a chegada destes trabalhadores em Brasília e as condições de moradia e trabalho a qual foram submetidos. Além de discutir o surgimento da primeira organização de representação desta categoria de trabalhadores. Bem como a conjuntura, os anos de repressão e os reflexos da atuação do Estado nas instituições e na própria consciência destes trabalhadores.

Como Coutinho, Heloísa utiliza os depoimentos orais para analisar as representações operárias sobre os mecanismos de exploração na indústria da construção civil, o grau de exploração e sujeição que estão expostos, as suas longas jornadas, “a virada”, “o serão”, que por um lado aumentam seu salário no final do mês, mas são extremamente desgastantes. E além disso a constata burla da legislação por parte das empresas construtoras, gera uma situação marcada pela desconfiança e insegurança por parte dos trabalhadores.

Estas constatações foram importantes para este trabalho, pois possibilitou o confronto com os depoimentos dos trabalhadores entrevistados, que em sua maior parte tinham uma ou mais passagens pelo setor formal da construção. Mas para construir este trabalho parti das experiências e práticas destes trabalhadores, tendo em vista a ausência de uma bibliografia sobre o mercado informal.

Sobre as constatações apreendidas no decorrer da pesquisa, evidencia-se o fato do setor informal ter uma lógica própria, na medida em que o trabalhador autônomo, para permanecer neste setor necessita estabelecer uma rede de relações entre os clientes, pois o mesmo pode indicar ou não os serviços daquele trabalhador. Além disso nota-se a aprendizagem, por parte do trabalhador, de formas de abordagem junto ao cliente.

O trabalho como autônomo representa a possibilidade de ter uma renda um pouco melhor pois longe do rígido controle das empresas o trabalhador pode ampliar seus conhecimentos nas diversas áreas da construção. Outro fator que contribui para a melhoria do valor do serviço é a negociação feita diretamente com o cliente, estes fatores contribuem para a melhoria do valor de seu serviço.

No cotidiano estes trabalhadores enfrentam uma série de obstáculos como, a compra das ferramentas básicas, os calotes por parte do cliente e o trabalho no “gato”⁸, onde sofrem com a burla dos direitos trabalhistas, entre outros. Também evidenciamos as dificuldades que estes enfrentam com relação ao acesso a transporte, saúde, educação, moradia e as representações que essa possui na vida do trabalhador, as formas de luta e de intervenção no espaço urbano.

Esta monografia compõe-se da Introdução e dois capítulos. Embora estejam vinculados, por motivos didáticos foram assim expostos. No primeiro capítulo abordo as expectativas dos trabalhadores com relação ao trabalho, o ingresso na profissão, as estratégias para conseguir serviço, as relações entre o oficial e o ajudante e com o cliente, o significado das ferramentas, os meios de transporte que utilizam, a busca pela autonomia e outras questões relevantes como a aposentadoria e a presença de pequenas empresas atuantes neste setor.

No segundo capítulo discuto os modos de vida destes trabalhadores e procuro aprofundar algumas questões referentes a moradia, as relações no bairro, as práticas de solidariedade, o acesso a saúde e educação, a participação em associações e outros espaços, as formas de lazer e os seus significados e sonhos.

As entrevistas realizadas ao longo da pesquisa, bem como fotografias, serão arquivados junto ao Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS. Para que seja aberto a consulta pública.

⁸ Subempreiteiros na maioria das vezes sem idoneidade econômico financeira que se colocam como intermediários entre empresas e operários. Em alguns casos são pequenas empresas e em outros apenas pessoas físicas. Arregimentadores de força de trabalho como denomina Nair Heloisa Bicalho de Souza, em seu livro “Construtores de Brasília” 1983

CAPÍTULO I

O FAZER-SE DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL NO MERCADO

INFORMAL

“..eu trabalhei vinte anos com carteira assinada. Mas eu creio se eu tivesse empregado até hoje eu não tinha feito o que eu tenho feito hoje trabalhando pur conta, porque o emprego não tá dando oportunidade pra ninguém, nem em parte de salário , também pra favorecê a família com bens né.”

As reflexões aqui apresentadas dizem respeito ao universo destes trabalhadores entrevistados, procuro trazer indícios dos problemas cotidianos que eles enfrentam na atual conjuntura política. Ao longo da pesquisa realizei 23 entrevistas com 19 trabalhadores da construção civil. Para escolha destes procurei os que se encontravam trabalhando, na condição de autônomo, ou seja, sem registro em carteira.

O mercado informal da construção pode ser caracterizado pelo predomínio de uma diversidade de profissionais, que desempenham uma variedade de ofícios. Foram realizadas entrevistas com diversos trabalhadores entre eles : 2 carpinteiros, 9 pedreiros, 2 serventes, 1 pintor, 1 eletricista, 1 armador, 1 mestre de obra, com idades que variavam dos 18 aos 59 anos.

Em sua maioria são de origem rural , trabalharam na lavoura por muito tempo ajudando a família a cultivar a terra. Mas foram expulsos pelas condições adversas da pequena produção e dos regimes espoliativos de trabalho. Somente mais tarde ingressaram no mercado de trabalho urbano, qual seja, da construção civil.

Marizo nos conta as dificuldades enfrentadas quando morava na roça, as relações com o fazendeiro , e a exploração que estava sujeito cotidianamente:

“Os fazendeiros que num... é ele se... eles enche ,trabalha durante o ano enche a

casa deles de... semente e aí colhe , ai passa aquele ano todinho na casa dele aquele, aquele saco, saco de farinha de feijão tudo lá e... enche a casa dele e os pobre que tá trabalhando na roça com eles, eles num quê nem sabê, deixa a pessoa passa du jeito qui quizé. Eles tem, não tá nem ai com a vida da pessoa, eles quê os otro é sofra lá.”⁹

O trabalho duro e pesado na roça, ocupava boa parte do tempo, marcando assim a infância destes trabalhadores . A diversão e as brincadeiras praticamente não existiram na vida destes trabalhadores. Como nos fala Alvaci:

“....não tive prazo praticamente, não aproveitei a minha infância, porque a criança aproveita a infância quando ele tem tempo de brincá, fariá muito i pra casa dos amigos e eu não tive esse prazo na minha vida todinha. Minha infância foi só trabalhando , só trabalhando , a noite chegava em casa, a gente não da conta nem di i pra casa de um amigo. Era só...chegá em casa, tomá banho, jantá e dormir. No otro dia quando dava 7 hora, eu já tava no serviço de novo, uma pessoa dessa não teve infância. Como eu não tive.”¹⁰

Estes trabalhadores ao saírem do campo tiveram outras atividades, antes de ingressarem no setor da construção como de, vendedores ambulantes, garimpeiro , o trabalho na mineradora, no comércio, entre outras. Pelo que pude perceber com as entrevistas o ingresso no setor da construção civil, está relacionado a vários fatores, entre eles a possibilidade de aprender uma profissão e assim conseguir uma remuneração melhor . Muitas vezes esse ingresso ocorre devido a amizade com trabalhadores deste setor que incentivam a entrada. Sobre isso nos conta Antônio :

“...cumecei trabalhando de pintor, aí depois eu larguei de mão, aí fui trabalhar de ajudante mais pedrero, foi até assentar uma cerâmica, e eu trabalhei a semana mais ele, i eu toda vida tive assim um pouco de inteligência sobre a construção, aí eu sabia da medida, de

⁹ Depoimento de Marizo Odilon Bezerra, servente, realizado em 02/11/97, fita n.14/a, Lado A

¹⁰ Depoimento de Alvaci Candido, eletricitista, realizado em 03/05/97, fita n.º 5, lado B

esquadro, de nivio... e o pedreiro saía pra i andá, eu ficava assentando a cerâmica sozinho ô... sem nuca te mexido. (...) Eu digo oh, mais mais eu, eu num tenho costume, eu nunca trabalhei de pedrero, apenas eu sei que é medida, eu entendo, mas eu não tenho prática. Disse: - não nós coloca ocê no meio de nós e vai ô... Assim eles fizeram me puseram, eram muitos. E eu ficava no meio, eles ficavam na cabeça das paredes e no meio que na hora ali até sem trabalhá eu ficava(...)."

E acrescenta, com relação à remuneração:

*"... de vinte cruzero na semana, quando foi na outra eles me pagaram oitenta, aí nossa! Aí, aí fiquei num gosto maior do mundo, no serviço , ganhá vinte, passa pra ganhá oitenta."*¹¹

Como podemos perceber na fala de Antônio, a aprendizagem de um ofício na construção civil exige do trabalhador um conhecimento mínimo de medida, importante para saber desenvolver as atividades propostas. E essa forma de aprendizagem do ofício demonstra bem como as relações pessoais são importantes.

Para Charles que teve outras profissões como oficie boy e trabalha com o pai, pedreiro, desde os 12 anos de idade, o setor da construção parece atrair mais pela remuneração melhor do que pelo tipo de serviço, que considera "muito estranho", pesado e sujo. Assim nos relata:

"... pedreiro é uma profissão muito estranha cara, é foda, dá não é muito pesado. (...) cê chega sujo em casa,... não te dá gosto de trabalhar, sabe. Não tem aquele empenho direito, então é isso. Agora uma profissão que o ocê trabalha limpinho não é melhor?, chega limpo em casa e tal ..."

E para justificar a sua permanência no setor diz:

¹¹ Depoimento de Antônio Pedro da Silva, pedreiro, realizado em 13/10/96 fita n.º 1. lado. A.

“... permaneço porque dá mais dinheiro né. É essas profissões não dá nada, se vai trabalha aí de carteira assinada, se ganha uns cento e vinte real por mês. O cara ganhá cento e vinte real por mês ele não compra nem a roupa dele usá, né. Então não dá, tem que ganhá um dinheirinho a mais.”¹²

Pelo que pudemos perceber o trabalho no setor da construção como autônomo possibilita uma remuneração melhor se comparada a outras profissões. Principalmente ao trabalho registrado em construtora do setor.

Em alguns casos, o ingresso no mercado de trabalho da construção civil ocorre devido a desinformação do trabalhador migrante. Pois de um modo geral as oportunidades de emprego em outros setores estão direcionadas a indicações, referências. Este é o caso de André que migrou de Santa Maria da Conquista, no estado da Bahia. Apesar de já possuir experiência como auxiliar de escritório, não conseguiu emprego nesta área. Então recorreu ao ofício de pedreiro que havia aprendido com o pai, mestre de obra. Como relata:

“Lá eu trabalhava numa empresa de ônibus era fácil pra mim, era minha cidade, coisa mais simples. Mas aí eu cheguei aqui praticamente desconhecido, ficava difícil pra mim encontrá um emprego e a construção civil eu já sabia trabalhar e era mais fácil. Fui trabalhar na construção, gostei e fiquei, aí nunca mais procurei outro emprego.”¹³

Segundo alguns entrevistados o setor da construção civil constitui-se uma porta para o ingresso no mercado de trabalho informal, por exigir menor qualificação. E muitos vindos de outros setores da economia, buscam a possibilidade de um emprego ou mesmo um “bico”.

Para outros entrevistados a entrada no setor da construção ocorreu se deu por influência do pai que já exercia esta profissão. E como tinham que trabalhar com o pai como

¹² Depoimento de Charles Gonçalves Castro, pedreiro, realizado em 29/11/97, fita n.º 12 lado A.

¹³ Depoimento de André, pedreiro, realizado em 12/10/97, fita n.º 12 lado A.

serventes ou ajudantes aprenderam o ofício. O que as vezes implicava uma dupla exigência por parte do pai. Sobre isso nos fala André :

“Quem me ensinou foi ele (o pai)...foi difícil com ele porque ele não dava moleza pra gente, porque a gente tinha que trabalhar de servente pra ele e aprendê a profissão junto. Então cê tinha que fazer os dois ao mesmo tempo....quer dizer, ele falava, o dia em que eu torna-se pedreiro eu ia aprendê a dá valô a profissão..”¹⁴

Os serventes e ajudantes aprendem junto com o oficial as primeiras noções sobre o trabalho na construção. Para Marizo que viveu quase toda vida na zona rural no estado da Paraíba onde lidava com a terra , capinando, plantando , colhendo, criando aves , mudar para outra cidade e trabalhar como servente foi uma experiência nova, marcado inicialmente pela dificuldade em exercer um trabalho que nunca tinha feito. A esse respeito nos diz:

“...Vim trabalhá de servente quando cheguei, vim trabalhá não sabia nem como que era fazer o serviço. As vezes mandava trabalhá eu ficava pensando, o que era que eu ia fazer, eu não sabia o que era serviço de servente.”¹⁵

Ronaldo também teve as mesmas dificuldades, por falta de uma experiência neste tipo de serviço, mas conta que hoje, depois de 6 anos trabalhando como servente, adquiriu experiência e hoje se considera uma meia-colher ou meio-oficial. Denominação usada neste meio para designar aquele trabalhador que está aprendendo um ofício, mas ainda não desenvolve todas as atividades de um oficial. Em relação a sua aprendizagem nos diz:

“...não tinha experiência de nada, sofri pra caramba pra poder pegá um pouco de experiência e aí...ai depois que a gente pega experiência vai embora. Porque em construção civil se você não pegá um pouquinho de experiência...não dá certo não. Porque sofre pra

¹⁴ Depoimento citado, fita n.º 12 lado B

¹⁵ Depoimento citado, fita n.º 14/a lado A

caramba , o cara sem experiência na construção civil sofre demais. Eu depois que eu peguei uma experienciazinha, eu acho serviço normal, qualquer serviço aí é normal.”¹⁶

O trabalho no setor da construção exige muito do corpo, é um serviço que despende grande força física. E o uso das mãos, dos braços é freqüente, seja no momento de pintar uma parede, de rebocar ou mesmo de cortar ,um cano, um fio entre outras. E talvez por dispor da mão e dos braços constantemente , estes trabalhadores são taxados de trabalhadores braçais. Mas essa denominação é um tanto preconceituosa , porque tenta demarcar entre aqueles que desempenham funções com os braços e os que exercem funções intelectualizadas. Nos depoimentos essa separação é rechaçada pelos trabalhadores, quando afirmam a importância do uso das mãos , mas colocam que no serviço diário estas tarefas não estão dissociadas, necessitam no serviços diário , calcular a melhor maneira de executar o serviço., de fazer o orçamento. Assim nos diz Genival :

“... . o pedreiro usa muito a mão, mais o que cê usa mesmo é a cabeça, é seu pensamento tem que cê positivo e pensá normal. Porque senão cê si perde. Só as mãos não resolve o problema não. (...) é a cabeça cê vai fazendo no pensamento e acabando com as mãos... esse que o sentido do pedreiro faz o serviço.”¹⁷

A grande maioria dos trabalhadores entrevistados, apresentavam uma ou mais passagens numa construtora, com registro em carteira. Para estes o trabalho na construtora foi um período de aprendizagem de um ofício , onde entraram em contato com as diversas etapas da construção, onde relacionaram-se com trabalhadores de áreas variadas. Neste espaço estiveram sempre cercados de “especialistas” que orientavam e fiscalizavam constantemente o serviço que foi proposto para o dia. Esse controle é exercido pelo encarregado de turma, o mestre de obra e também pelo engenheiro da obra, na ausência do encarregado de turma ainda tem a presença de um feitor.

¹⁶ Depoimento de Ronaldo Odilon Bezerra, servente, realizado em 13/09/97 fita n.º 9. lado A

¹⁷ Depoimento de Genival. Marcelino da Silva, pedreiro, realizado em 12/10/97, fita n.º 13 lado B.

Quando estes trabalhadores se referem ao trabalho na construtora lembram deste controle rígido. E ainda se referem aos baixos salários pagos pelas construtoras de modo geral. Sobre o trabalho em firma nos diz Antônio, que afirmou ter a carteira toda "picada" de firma :

"... na firma cê trabalha, tem mais de dez pra lhe mandá, tem o mestre de obra, tem o engenheiro, tem o gato, é aquela... eu não gosto e eu pur minha conta, eu vô mandá im mim memo, ô (...)"¹⁸

O trabalho na firma, registrado e submetido a péssimas condições de trabalho , aparecem nas falas dos trabalhadores como uma perda de tempo, um atraso se comparado ao grau maior de liberdade trabalhando como autônomos. Principalmente quando na negociação do preço do serviço podem ganhar um pouco melhor. Neste sentido nos fala Alvaci:

"..eu trabalhei vinte anos com carteira assinada. Mas eu creio se eu tivesse empregado até hoje eu não tinha feito o que eu tenho feito hoje trabalhando pur conta , porque o emprego não tá dando oportunidade pra ninguém, nem em parte de salário, também pra favorecê a família com bens, né."¹⁹

Como informais esses trabalhadores tem a possibilidade de entrar em contato com as diversas etapas da construção, pois não tem o controle rígido mantido no canteiro de obras. Quanto mais souberem, melhor será a sua remuneração, pois podem desempenhar outras atividades , o que é valorizado no momento da negociação.

Optar entre o trabalho numa construtora registrado, com direito as garantias legais vigentes na legislação trabalhista e o trabalho como autônomo , passa pela possibilidade de conseguirem para si e para a família uma vida mais digna, ou seja um salário que possa

¹⁸ Depoimento citado, fita n.º 1 lado A.

¹⁹ Depoimento citado, fita n.º 5 lado A

mante-los minimamente . Os salários hoje praticados pelo setor formal da construção são muito baixos. Atualmente o salário base de um oficial é de aproximadamente 240,00 reais e de um servente é de 170,00 reais, dados fornecidos pelo ao Sindicato da categoria. E para o trabalhador que tem família e aluguel para pagar , a situação fica muito difícil . E por isso a entrada no setor informal da construção, com autônomos é uma forma de tentar uma remuneração um pouco melhor, mesmo que sem registro em carteira, e tendo que deixar abrir mão do seguro-desemprego, fundo de garantia , férias remuneradas e outras.

Nas entrevistas estes direitos trabalhistas aparecem como sendo muito importantes, porque proporciona ao trabalhador uma segurança maior, mas pelos motivos expostos optam pela informalidade. Além disso como foi colocado anteriormente, o grau de liberdade como autônomos é maior, proporcionando a estes uma visão mais ampla do processo de trabalho na construção civil.

Um outro motivo que parece atrair os trabalhadores para o mercado informal da construção e que precisa ser melhor aprofundado , é a forma de pagamento , que é realizada por semana²⁰, constituindo característica dos contratos de trabalho neste meio. Os trabalhadores consideram importante essa forma de pagamento porque lhes permite entrar em contato mais rápido com o dinheiro e períodos de inflação alta, isto significa economizar no momento das compras. Sobre este assunto nos fala José Barbosa:

“..esse semanal atrai bastante(risos)...(..) porque todo sábado cê tem um dinheirinho, todo sábado cê tem seu dinheiro no bolso. E eu pego um serviço e vou te pagá por exemplo: pra trabalhá pra mim , toda semana eu te pago e aí vai fazendo....o serviço e rendendo o serviço e diminuindo o pagamento, já vô sabendo o que qui ... né....”²¹.

Como pude perceber através das entrevistas, o mercado informal da construção possui sua lógica própria. Onde os critérios de ingresso são outros se comparado ao mercado formal. Apenas optar em trabalhar como autônomo não é suficiente, sendo

²⁰ No setor formal da construção , o pagamento geralmente é feito por mês, com vale quinzenal

²¹ Depoimento de José Barbosa Guedes, pedreiro, realizado em 14/12/97 fita n.º 23 lado A.

necessário, dentre outras coisas, estabelecer uma rede de relações de confiança e amizade junto aos clientes , garantindo assim a permanência deste no mercado informal.

Por ser um contato muito próximo , exige deste trabalhador a adoção de algumas estratégias importantes para causar ao cliente uma boa impressão . Sobre esse aspecto, Alvaci nos conta sua experiência e a forma como desenvolve essas relações :

“Através do conhecimento, se você procurá trabalhá com zelo e praticar melhor e mais o serviço... e se aperfeiçoar mais, quanto mais você trabalha melhor e trata o cliente bem e os fregueses da gente, então a gente chama eles atenção. Então mesmo que apareça outro pra fazer algum serviço, mas por causa da amizade que a gente deixou com aquela pessoa i por causa da gente tratou a pessoa muito bem, fez um serviço mais... caprichado, conforme a pessoa exigiu. Então a gente fica tendo preferência em toda vez que a pessoa precisá de um eletricista, né. Eles dá preferência pra gente. (...) Eu graças a Deus tenho chamado muita gente a atenção, brinco demais, que é atraveis da brincadeira a gente consegue também o serviço, desde que seja uma brincadeira sadia né.”²²

Esta situação dificilmente aconteceria num canteiro de obra de uma firma, onde o trabalhador muitas vezes nem saberia quem realmente é o dono do serviço. O contato direto com o dono do serviço impõe para o trabalhador autônomo a aprendizagem de formas de abordagem . Por isso conhecer bem o cliente é importante, até mesmo no momento de calcular o valor do orçamento.

Essas relações tão próximas entre trabalhador e cliente propiciam o surgimento de relações de confiança. Como nos explica José Lucas:

“No caso desse que eu tô trabalhando lá. Esse confia em mim ... de todo jeito, ele me entrega a chave da casa dele, ele vai ... pronto agora ele tá viajando. Eu que tomo conta de tudo lá, tudo.(..) ..eu esquento minha boia, eu faço tudo. (..)já me pagou uma semana sem

²² Depoimento citado, fita n.º 5 lado A

trabalhá....”²³

É importante ressaltar que nas falas dos entrevistados, há a referência constante a alguns valores, como a honestidade. Consideram esta muito importante no momento de fazer um serviço e no momento de cumprir o acordo, o valor combinado e a forma de pagamento, principalmente se considerarmos que os acordos feitos neste meio, são acordos verbais. Dificilmente assinam um contrato, e muitos até tem receio de assiná-los, preferem contar com a palavra, com a honestidade de ambas as partes. Para Orlando esses valores são importantes e por isso trabalhar como autônomo exige:

“.... muita honestidade né. Primeiramente a honestidade e conhecimento, porque... aperfeiçoamento do seu trabalho. E se ocê faz um serviço bem feito, você tem o seu cartão de visita. Eu nunca procuro serviço, sempre o serviço que eu tinha feito, todas as pessoas vem e me chama. Se informa de quem fez esse serviço. Eu graças a Deus eu nunca precisei de tá procurando serviço e outra eu nunca parei o serviço no meio do caminho, não cheguei a isso. Se fô pra fazer mal feito, eu não pego serviço. Eu prefiro ficar parado.”²⁴

Mas a entrada do trabalhador no setor informal da construção não conta apenas com o estabelecimento de uma rede de relações de informação, importantes para continuar a ter seus serviços solicitados. É necessário um mínimo de poder aquisitivo para a compra do instrumental de trabalho, que requer maiores gastos do que se estivesse trabalhando em uma construtora, onde teria acesso a alguns equipamentos. O uso da ferramenta é fundamental para a execução do serviço. Ao servente ou ajudante é dispensado possuir ferramentas, pois usam a do oficial.

Nas entrevistas realizadas ficou evidenciado que essas ferramentas são caras em sua maioria, não sendo acessíveis para todos os trabalhadores. Além disso o desgaste destas é muito grande, pois estão em contato permanente com materiais corrosivos, como

²³ Depoimento de José Lucas Sobrinho, pedreiro, realizado em 09/11/97 lado A

²⁴ Depoimento de Orlando, pedreiro, realizado em 13/09/97 fita n.º 10 lado A.

cimento e outros. Com relação a isso nos fala Antônio:

“... cada um tem te uma ferramenta pra trabalhar. É caro sim... caro e estraga rápido, os mais barato não aguenta o serviço, é muito pesado, um carrinho acaba logo é... enxada também não aguenta. Serviço da construção é muito dependioso.”²⁵

Alguns ofícios exigem um número maior de ferramentas, como de carpinteiro e pedreiro e Na fala de José Lucas percebemos a importância destas ferramentas no dia-dia do pedreiro, e lista as básicas:

“Ah! Pedreiro pra ele trabalhar precisa de um prumo, uma régua, uma colher, né, desimpenadeira, sem ferramentas... um metro, sem essas ferramentas ele não trabalha, nivio, é essas coisas assim (...) não são muito cara também não. Não são de assombrá não, eu acho que por aí, o mais caro que tem deve ser o prumo, o que faiz muitos anos que eu comprei, porque o meu não acaba nunca mais.”²⁶

Como vimos o acesso as ferramentas básicas, indispensáveis no dia-dia é um obstáculo, devido ao seu valor alto, levando o trabalhador a comprá-las de forma gradual. Essa foi a forma encontrada por Ronaldo, meia-colher, e que necessita das ferramentas pois está aprendendo a profissão de pedreiro. Sobre isso nos fala:

“... a cada dia ele (servente) compra uma coisa. Um dia ele compra um prumo e tal. E assim vai. (...) ele vê que tá aprendendo, ele vai comprando. Eu mesmo so assim... cada dia que eu vejo que eu tô aprendendo mais um pouquinho eu compro uma coisa, e tal e deixo guardado.”²⁷

²⁵ Depoimento citado, fita n.º 1 lado B

²⁶ Depoimento citado, fita n.º 3 lado A.

²⁷ Depoimento citado, fita n.º 9 lado B.

Uma das dificuldades enfrentadas por estes trabalhadores no seu dia-dia é o deslocamento de suas ferramentas, tendo em vista o grande número e a diversidade de tamanho e peso . Algumas vezes, necessitam em alguns casos, necessitam contratar os serviços de um carroceiro ou mesmo de um pequeno caminhão para fazer o transporte até o local de serviço. Em alguns casos o cliente paga por este frete, mas geralmente é o trabalhador . Como fica expresso na fala de José Lucas:

“Cavalete, tábua, tambor, enxada, pá essas... carrinho, esses trem é que mexe... com a gente pra trabalhar. E a ferramenta de pedreiro que a gente trabalha, tem que levá. (...) Eu arrumei um carro, uma caminhonete e levei (...) paguei 15,00 real o carreto. (...) Quem pagou foi o rapaiz dono do serviço. Tem uns que paga, tem otos que não paga, aí a gente tem pagá...”²⁸

Além de serem importantes na experiência do trabalho cotidiano, as ferramentas tem outro significado, qual seja, o de proporcionar uma boa impressão no momento da contratação de um serviço . Principalmente na empreita de serviço com as construtoras , que costumam usar como critério para distinção entre os profissionais a quantidade de ferramentas que estes apresentam possuir. Como nos relata Divino:

“...a tendência é aperfeiçoar o serviço, porque toda firma que ocê vai trabalhar se chega lá com pouca ferramenta, eles acha que você não é bom profissional. Então pra sê um bom profissional tem que te várias ferramentas, cê tem que te as ferramentas adequada pra você fazer um serviço é dum profissional. Porque se não tive...unha e dente se não consegue fazer nada. (..)Então tem que te várias ferramentas: te plaina, tem que te serra circular, tem que te furadeira, tem que te tupia, desempenadeira normal , cê tem que te. (..)E eu tenho uma média de mais de 3.000 empregados em ferramenta...”²⁹

²⁸ Depoimento citado, fita n.º 16 lado A.

²⁹ Depoimento de Divino Moreira, carpinteiro e marceneiro, realizado em 29/11/97 fita n.º 21 lado A.

Ocorre também entre os trabalhadores o empréstimo de ferramentas, devido ao fato de serem muitas, o preço não ser acessível e o desgaste ser muito grande, recorrem aos colegas de profissão. Genival nos fala a esse respeito:

“..nem todo mundo tem ferramenta que precisa . Por que de repente cê precisa de uma ferramenta que ocê não tem , cê tem que pegá otro, otro tem você não tem. E assim vai toca o barco do mesmo jeito. (...)um pedreiro com otro é colega, dá pra emprestá direitinho.”³⁰

Um outro instrumento importante na experiência do trabalhador no mercado informal da construção é a bicicleta. Embora tenha encontrado junto aos entrevistados, alguns que possuem outros meios de locomoção, como motocicleta, a grande maioria usam a bicicleta. Tal uso se deve ao fato de ser um transporte mais econômico, e as vezes até mais cômodo do que o ônibus coletivo, que geralmente transita muito cheio de passageiros, obrigando-os a ir em pé, sujeito as manobras perigosas . Mas quando o serviço é muito longe são obrigados a utilizar este transporte. Com relação a isso nos fala Antônio:

“... e aqui por perto eu vou de bicicleta, tenho uma bicicleta véia, aí nois vai nela. Mas quando é pro centro eu vou de coletivo, sofrendo, batendo nesses coletivo, tempo de pegá serviço lá nu centro sete horas eu tinha que sair daqui 6:10 e muitas veis sê vai em pé, até chegar no serviço, de volta a mesma coisa...”³¹

Nos depoimentos foi evidenciado a má qualidade do transporte coletivo oferecida a população, ônibus em péssimas condições, horários desfavoráveis para o trabalhador; e além de tudo, poucos em circulação, obrigando-os a suportar uma viagem toda em pé e imprensado. Além disso a demora do transporte coletivo interfere no próprio andamento do serviço, causando prejuízos. Como nos diz Alvaci:

“... a gente perde muito tempo com ônibus, o tempo que a gente tá no terminal, tá

³⁰ Depoimento citado, fita n.º 13 lado B

³¹ Depoimento citado, fita n.º 1 lado. A

*aqui esperando ônibus a gente já tá na metade do caminho. Então já chegou, fica melhor né. Porque aí a gente adianta o serviço mais. E o serviço longe traiz um prejuízo, porque se falta material (...) não dá tempo de fazer mais nada. (...) então se vai de ônibus, o que acontece quando se chega já tá tarde não dá tempo de fazer mais nada, e aí já se torna como prejuízo...*³²

Para alguns trabalhadores o acesso a uma bicicleta teve um significado diferente, não sendo apenas um meio de transporte, mas a realização de um sonho. Marizo nos conta que sempre desejou possuir uma bicicleta, mas nunca teve condições de comprar e nem mesmo de aprender. Quando veio para Uberlândia, comentou com os colegas de serviço o seu desejo, estes percebendo o seu esforço para aprender e adquirir uma bicicleta, reuniram-se para presentear-lhe. E assim nos conta Marizo:

“É eu sempre tive um sonho... que o sonho meu que eu tinha é realizei né, porque eu vim pra cá eu não sabia o que era uma bicicleta. Aí eu trabalhei uns 3 anos, aí quando foi um dia né, eu tava... aí eu tinha interesse em aprender a andar na bicicleta. Aí eu peguei uma bicicleta do iscritório lá né aí comecei a aprendê né. Aí eles arrumou uma bicicleta pra mim. E hoje graças a Deus pra vista que eu andava, quando comecei logo a andar, agora... agora eu tô mais prático pra andar de bicicleta né...”

E acrescenta:

*“... fizeram a vaquinha lá, foi lá na casa dele lá (do dono do gato em que trabalha), pegou a bicicleta e entregou pra mim. Entregou, aí eu fiquei com ela, vim arrumando ela, comprando uns trem pra ela, arrumei hoje...”*³³

Uma outra característica das condições de trabalho no setor informal da construção

³² Depoimento citado, fita n.º 20 lado A

³³ Depoimento citado, fita n.º 14/2, lado A.

civil, diz respeito a diluição da especialização da mão de obra, ao contrário do que acontece no setor formal, onde encontramos diversas classificações de um mesmo ofício. Por exemplo, pedreiro de acabamento, de reboco, de alvenaria e carpinteiro de forma, estrutural, entre outras.

Essa especialização do trabalhador em determinada área, é ao meu ver uma estratégia dos donos das construtoras para achatar ainda mais os salários dos trabalhadores. Tal especialização dificulta ao trabalhador ter o domínio de todo o processo de construção. Levando o trabalhador a seguir etapas para a aprendizagem das diversas áreas de um mesmo ofício.

O que ocorre no setor informal é que os trabalhadores tem a oportunidade de entrar em contato com outras áreas de conhecimento da construção, como carpintaria, parte hidráulica, pintura etc. O que lhes possibilita no momento da negociação do serviço, uma remuneração melhor.

É importante ressaltar que nas entrevistas com os pedreiros, percebi o valor que costumam dar ao profissional que “faz tudo”, que sabe desde a marcação de um terreno até a construção de uma casa.³⁴ Apesar disso muitos disseram ter deficiência na área de acabamento, assentamento de pisos e azulejos, pois este serviço exige muito do trabalhador, como a utilização de cálculos e de maquinário adequado, geralmente este custa caro. Assim nos diz José Barbosa:

“É porque ela cobra muito da gente, né so. A parte de acabamento você vai assentar uma cerâmica, se você não fizer o serviço perfeito o dono não fica satisfeito. Vem uma visita cobra aquilo do dono, as vez não cobra da gente mais cobra do dono. E o dono vem em cima da gente. E aonde a parte de acabamento é... é uma parte que tem... necessita de capricho, você senta uma parede... de tijolinho, faz uma parede torta se vem com o reboco tampou, né. Se vem com... se faz um reboco mal desempenhado, se passa uma espuma ali se concerta

³⁴ Neste aspecto, muitos disseram não ter domínio na parte elétrica (baixa tensão), pois consideram perigoso, por isso costumam indicar um colega eletricista para fazer esse serviço.

*aquilo mais ou menos e acabamento não. Acabamento não tem jeito não.*³⁵

Para Charles é a prática constante do serviço que permite ao trabalhador adquirir as “manhas do serviço”. Esse tipo de serviço exige o uso de ferramentas adequadas, que são mais caras, dificultando o acesso a maioria dos trabalhadores. Sobre isso nos fala:

*“faiz mais num... não especificou naquele, naquela profissão, sabe. Então todo serviço tem uma manha. Então ele não tem aquelas manhas, de fazê a tal. Alguma coisa assim, o equipamento certo, máquina pra cortar. (...) a serra mármore e a corte reto, sabe. As ferramentas básicas, isso é... pra um pedreiro comprá isso aí é caro. Uma é 300,00 (real) a outra é 180,00 (real), 150,00 (real), pro cara que tem família, né, comprá isso aí... ele fala, não eu faço isso na truqueza mesmo. Aí o serviço não fica bem feito, tem que ter máquina.”*³⁶

A diversidade de atividades no setor da construção, permite ao trabalhador fazer algumas opções na hora de escolher entre uma ou outra profissão. Muitas vezes essa escolha está relacionada ao perigo, a que estão expostos em determinadas profissões. José Lucas nos fala sobre isso, comparando o seu ofício com os demais:

*“Ah! O pedreiro ele tem menos perigo, o carpinteiro é, o perigo! Pintô é perigoso, porque não é ocê chegá e pintá uma casa, uma parede aqui, se pega canto também que ocê tem que subi, e é muito perigoso. O armadô de ferro ninguém fala do tanto do perigo. E o pedreiro não, o pedreiro é só uma coisa só, não tem esse negócio de tá pendurado, nem isso aquilo outro não. Quando ele vai já tá feito.”*³⁷

Para o exercício de suas atividades, os oficiais costumam utilizar o serviço de outros trabalhadores, como os ajudantes ou serventes que se encarregam de fazer o serviço

³⁵ Depoimento citado, fita n.º 23 lado B.

³⁶ Depoimento citado, fita n.º 22 lado B

³⁷ Depoimento citado, fita n.º 3 lado B

“grosso”. Estes limpam o terreno, deixando tudo pronto para o início do serviço, preparam o material a ser usado e auxiliam a todo instante o oficial. Por não terem uma função muito definida, esta situação gera uma certa incerteza sobre qual é realmente a função de um servente.

Em muitos casos o servente tem que se submeter as ordens do oficial, no sentido de garantir um bom entrosamento com este, para poder aprender uma profissão. Porém esta aprendizagem pode levar certo tempo, isso vai depender muito das oportunidades oferecidas pelo oficial para que o ajudante ou servente possa praticar os conhecimentos adquiridos. Sobre isso nos fala Ronaldo:

“Leva muito tempo, leva muito tempo porque eu memo já faiz o que? Uns dois anos já que eu já tô assim... que eu comecei a trabalhá de meia-colher memo faiz só pouco tempo. Mais que eu tô querendo aprendê memo já faiz uns 2 ano já. Demora aprender porque ocê tem que aprende trem demais pro cê trabalha de pedrero.”³⁸

A escolha de um ajudante está relacionada ao universo de conhecimento do oficial, que geralmente procura uma pessoa próxima, o qual já conhece o comportamento ou procura referências junto a outros colegas de profissão. Em alguns casos trabalha sozinho por algum tempo, pois não tem como pagar um ajudante. Assim relata Alvaci:

“Eu tenho um ajudante tem uma média de 5 ou 6 meses que trabalha comigo, o resto foi sempre sozinho porque... tem época também que o serviço manera as veiz manera mais não compensa pagá ajudante. E a gente pra não ficá assumindo muito compromisso com os oto, cê tá ganhando pouco como que vai pagá ajudante, não é compensativo.”³⁹

O trabalho com os filhos ou entre parentes muito próximos é uma prática comum neste meio. E parece ser importante, no sentido de garantir uma certa segurança e

³⁸ Depoimento citado, fita n.º 9 lado B

³⁹ Depoimento citado, fita n.º 20 lado B

proximidade nas relações de trabalho. Mas em alguns casos, ocorrem desavenças, como comenta José Barbosa, que hoje prefere trabalhar sozinho:

“muito pouco, eu gosto de trabalhar mais é sozinho ou... trabalhar com os filhos eles... as idéias não conferem. Então eu não gosto... eu não gosto de trabalhar com os meus filhos. Até combina, mais pra trabalhar junto eu não gosto não. (...) não confere né so. As veis eu quero o negócio de um jeito, eles acha que de outro modo fica mais prático. E eu quando vejo que realmente fica mesmo eu concordo, mais nem sempre...”⁴⁰

Em alguns momentos além de contar com os filhos no trabalho, ainda contratam o serviço de outros trabalhadores para acelerar o andamento de uma obra, como nos conta Antônio:

“... nós somos 4 e aí pega um serviço que não precisava colocar gente, era só nois. Nois mesmo fazia o serviço tudo, fazia o de servente e pedrero (...) todo mundo de casa. Quando o serviço era grande eu punha pedrero, punha servente. (...)”⁴¹

Reinaldo, também utiliza a ajuda dos filhos, mas faz questão de dizer que os remunera:

“O meu mais velho trabalha. Trabalha ..o menino, tem o Simon de 14 anos me ajuda, depois do período da escola ele me ajuda, um pouco, bastante. Eu remunero ele também, porque filho meu nenhum, nenhum dos dois nunca trabalhou de graça pra mim. É remunerado todos dois. Então pra incentivá eles trabalha e recebe por aquilo que fazem, sabe.”⁴²

⁴⁰ Depoimento citado, fita n.º 23 lado. A

⁴¹ Depoimento citado, fita n.º 17 lado A

⁴² Depoimento citado, fita n.º 18 lado. A

Vale ressaltar que trabalhando como informais esses trabalhadores tem como característica comum, negociarem o preço da mão de obra diretamente com o cliente. Para isso fazem um orçamento do custo do serviço, geralmente contam com sua experiência e comparam o preço praticado por outros profissionais. Estes trabalhadores não costumam seguir os preços praticados pela tabela do sindicato, que são considerados superiores. Desta forma não existe uma regra geral para fazer o orçamento no mercado informal, o que depende de vários fatores, como a situação financeira do cliente, a concorrência e a própria habilidade do trabalhador. Sobre isso nos fala Silvio:

“Eu mesmo faço o orçamento de material, de mão-de-obra e hoje em dia tá... tá variando demais também a... não digo de material porque material, porque material tem vários preços, a pessoa pesquisa, a mão-de-obra tem vários preços também. E eu tô aí pelejando.”

E acrescenta, fazer um bom orçamento significa atentar para um preço que não seja abusivo. Mas neste caso, significa também manter um preço baixo, para poder conseguir o serviço e manter uma certa freguesia:

“Hoje, pra você se mantê no mercado é o seguinte: cê tem que te qualidade na sua mão-de-obra, tem que te preço também. Cê não pode te aquele preço abusivo... talvez quando é freguês cê trabalha sempre um pouco a menos, se aquele freguês dá é... serviço direto, sempre cê tem que mantê a freguesia. Então... cê vê que não tá fácil não. Mais pelos meus freguês que eu tenho até hoje eu tô combinando com eles, não deixo de pegá serviço por causa de 50, 100, (reais) né.”⁴³

Para Orlando a negociação do preço de um serviço varia de acordo com as condições financeiras do cliente, por isso procura que agir com cautela:

“Aí depende da situação da pessoa né, é... cê baseia, cê faz uma base vamo supô,

⁴³ Depoimento de Silvio Euripedes da Silva, pintor de paredes, realizado em 16/11/97 fita n.º 19 lado A.

*quanto cê quê ganhá, quanto é... cê vai valoriza sua profissão né. Dentro do limite né, cê não pode judiá do dono né, não pode entrá no bolso do camarada, porque ele não vai pagá bem demais. Então vai sê uma coisa que dê certo pros dois né.*⁴⁴

Ao fazer o cálculo do orçamento, o trabalhador conta com a habilidade para negociar e apresentar um preço de modo que não tenha prejuízo. Sobre isso nos fala Alvaci:

*“Uai, eu dou uma observada no tamanho da casa e o tanto do serviço e aí... eu falo o valor, só que sempre a gente tem que usá um... um aspecto assim: a gente joga um precinho a mais, se a pessoa cramá um pouco, a gente faz um precinho a menos, mais caindo, caindo mais ou menos dentro do que a gente queria. E isso aí a gente tem que sabê negociá pur causa disso aí. Cê joga aquele preço, se ele achou caro, o que qui vai acontecê? Ah, não faz pur meno faz pur tanto, aí você falou: tá bom vou faze. Mas porque você vai pagá dentro do que você pensou...”*⁴⁵

Ao fazer o orçamento o trabalhador vai estar lidando com cálculos, seja do número de dias que vai utilizar para terminar o serviço, a projeção de quanto vai ganhar por dia e o valor que terá que pagar ao servente. E isso exige do trabalhador um certo cuidado para não ter prejuízos e não dar um valor muito acima do concorrente, perdendo o serviço. Sobre essas dificuldades comenta Genival:

*“O mais difícil é fazer um orçamento de...uma construção isso é mais difícil e só.(..)porque ocê tem que sabe de tudo, ali cê leva francamente uma semana mais ou menos, pra você não cê perdê dentro do orçamento. (..) assim quando eu comecei perdi quase todos mais agora já tô mais ... andando mais por dentro...”*⁴⁶

Para Silvio o abandono de serviço, pode acontecer devido a um orçamento mal feito.

⁴⁴ Depoimento citado, fita n.º 10 lado B

⁴⁵ Depoimento citado, fita n.º 20 lado A

⁴⁶ Depoimento citado, fita n.º 13 lado A

O trabalhador pressionado pelo cliente e percebendo que está tendo prejuízo resolve não continuar o serviço:

“..tem muita gente , muita das veiz pega um serviço na hora que dá 50 por cento do valor, se ele vê que vai levá prejuízo, ele larga o serviço , ele não tá nem aí. Não preocupa com a referência dele mais na frente, né (...)geralmente acontece aí que ele fez o orçamento mal feito, não planejou direito e na hora que ele começou o serviço foi passando o tempo aí o...pessoal apressa a pessoa,(..) e ele vai afobando até ele não dá conta. Ele suja o nome pur causa de pouca coisa, por falta de planejamento.”⁴⁷

Com a experiência adquirida ao longo do trabalho, e contando com a ajuda de outros colegas de serviço, Alvaci diz conseguir identificar aquele cliente que vai “chorar” por um preço menor , e por isso já vai preparado para a negociação:

“... porque você já... já... você reconhece a pessoa que já vai chorá, já vai cramá. Então você já sabe, já tem que i preparado também. Muita das veis até por informação mesmo, um pedreiro vem e fala: Vaci tem um serviço ali, eu tô fazendo a parte de alvenaria, vamo lá pra você pega a parte elétrica , mais ô, cê vai preparado que o homem lá é chorão, desse jeito. Aí o que qui acontece, eu vou lá. Talvez eu vou antes do dono chegá. Aí dou uma observada quando ele chega, já olhou o serviço? Já. Aí só que eu tô por dentro, já sei que ele vai chorá. E eu já vou mais ou menos preparado.”⁴⁸

Pude perceber ao longo da pesquisa que estes trabalhadores estão totalmente adequados a um ritmo de trabalho que se encaixa perfeitamente aos padrões capitalistas de que “ o tempo é dinheiro”. O fato de apresentarem uma liberdade maior proporcionada pelo trabalho como autônomos é questionável, pois nota-se pelos depoimentos que eles não tem

⁴⁷ Depoimento citado, fita n.º 19 lado B

⁴⁸ Depoimento citado, fita n.º 20 lado A

dia certo de trabalhar, em muitos casos trabalham aos sábados até mesmo aos domingos para conseguirem melhorar um pouco mais a renda.

Para isso tentam se organizar, através de anúncios em placas, utilizando-se de cartões, onde contam com o número do telefone e endereço, ou até mesmo compram telefone celular, como é o caso de Alvaci. Esta forma de trabalhar demonstra o grau de assimilação desses padrões de trabalho, que os trabalhadores vão adquirindo neste meio, a preocupação com o tempo, a correria para entrar em contato o mais rápido com o cliente e não perder o serviço.

Assim nos fala Alvaci, que comprou um telefone celular para facilitar o contato com o cliente:

“Facilitou demais porque antes eu não tinha...antes de eu comprá o celular o que qui acontece: as veis ligava aqui, o pessoal ligava aqui i quando eu chegava ô ... as veiz o endereço não tava...a família não tinha dado o...escrivido o endereço direito ou o número do telefone da pessoa correto i a gente toma muito prejuízo neste causo aí.....”⁴⁹

No momento em que ocorre o acerto com o cliente sobre o valor do serviço, também se define a maneira como vai ser feito, se por diária, empreita ou metro quadrado. Essa decisão muitas vezes parte do cliente, que dependendo das suas condições financeiras e a urgência do serviço, a define.

O pagamento por diária, como o próprio nome diz, é feito de acordo com o dia trabalhado, que pode variar entre 20 a 30 reais. Já a empreita, o trabalhador faz os cálculos, tendo que como referência a urgência do cliente, e a quantidade de dias que faria o serviço em um ritmo mais acelerado. Neste caso aplica um valor maior em cima da sua mão de obra, pois ocorre de ter que trabalhar até mais tarde e fora do horário comercial.

Com relação a essas formas de acordo se por empreita ou diária que são as mais comuns adotadas no cotidiano da construção, percebe-se que entre os trabalhadores existe

⁴⁹ Depoimento citado, fita n.º 20 lado A

a preferência por uma ou outra. Alguns preferem o serviço por diária, outros preferem por empreita. Mas na maioria das vezes o que determina mesmo, é o tipo de serviço.

Sobre isso nos fala Antônio, explicitando sua preferência e alegando os motivos porque prefere trabalhar por empreita:

“... em diária Deus me livre. Empreita. (...) trabalha mais a vontade... pra mim a gente trabalha mais a vontade, o dono não tá de cima toda hora. Por que o cara que trabalha em diária ele, o dono não tem confiança na pessoa. Ele... toda hora tá de cima. E a empreita não, a empreita parece que o dono tem... tem confiança até de fala assim: eu quero assim, assim. Ele nem olha o serviço. Quando é em diária o dono fica de cima e mostrando faiz assim, faiz assim. A empreita não, já diz como que é e pronto, ali acabou.”⁵⁰

José Lucas prefere trabalhar de diária e argumenta:

“... não gosto de empeleita não. Empeleita tem muitas novidades, não dá pra mim. (...) empileita é o seguinte: Eu não gosto cê empileita uma coisa, quando dá fé aumenta outra e lá vai aquela confusão, no fim o dono não quê pagá. Ai eu não gosto não, acho melhor na diária porque já faiz... tudo certinho. Recebo o meu e faço o dele e pronto.”

E ainda sobre a diária esclarece como é o pagamento do servente:

“... Quando eu empeleito uma coisa eu negocio, aí quem paga o servente sou eu, quem paga sou eu... (...) na diária quem paga é o dono do serviço...”⁵¹

Apesar da preferência pelo serviço de empreita, Reinaldo diz que tal escolha depende muito do tipo de serviço proposto, chegando as vezes é até melhor trabalhar por diária:

⁵⁰ Depoimento citado, fita n.º 17 lado A

⁵¹ Depoimento citado, fita n.º 16 lado A

“... As vezes tem serviço que na diária... é preferível o cara trabalhar na diária porque... a empreita dependendo do tipo de serviço... pro cê trabalhar como diária vai fazer quase o mesmo serviço, vai saí pago, não tem margem de lucro. Então dependendo do tipo de serviço é preferível pegar por dia...”⁵²

O trabalho como informais apresenta para estes trabalhadores algumas incertezas e perdas. Entre elas o acesso a alguns direitos trabalhistas previstos em lei e a confrontação com situações as mais diversas, como fazer um serviço e não receber por este, receber cheque sem fundo e até mesmo a demora do cliente para pagar, entre outras.

Com essas situações convivem diariamente estes trabalhadores, a esse respeito nos fala Antônio:

“... se tá tocando uma... fazendo uma casa e o cara quê terminá e você faiz aquele prano assim ô: se eu vou faze esse serviço na hora que eu terminá eu vou sobra uma grana. Antes terminá o cara acaba e ele para. E tem muitos que continua mais enrolando ocê, chega no final de semana vai lhe dá comparação, duzentos real, da cinquenta e fica naquele rolo. Assim, eu sei que tem muitos...”⁵³

Alvaci nos conta que os calotes são freqüentes, obrigando o trabalhador a ficar atento :

“... hoje tá fazendo um ano que eu tô com cheque de 350,00 real e a pessoa não me pagou até hoje e é daqueles ignorantes, não aceita i na casa dele cobrá. Tá na casa, tá de boa, de boa lá morando tranqüilo com a família e eu não pude faze compromisso... como eu fiz compromisso com o pagamento, com o dinheiro (...) e aí que ficou com o prejuízo fui eu,

⁵² Depoimento de Reinaldo Ferreira, pedreiro, realizado em 16/11/97 fita n.º 18 lado A.

⁵³ Depoimento citado, fita n.º 17 lado A

porque eu já tinha feito o serviço pra ele e eu tô com o cheque no bolso até hoje.”⁵⁴

Em conversa com os trabalhadores revelaram que também recebem reclamações dos clientes sobre a qualidade do serviço realizado, desperdício de material, demora no andamento do serviço. Mas se defendem dizendo que em muitos casos o problema está no próprio material comprado pelo cliente para o desenvolvimento do serviço. Assim expressa Charles sobre as reclamações mais frequentes a que estão expostos:

“.. desperdício, eles pensa que a gente desperdiça muito. Fala: não mais tá desperdiçando muito. Ai o pedreiro fala: não mais ai não dá o material é ruim né. O cara compra material ruim quê que fica bom demais também. E você explica pra ele, ele não conforma com aquilo, é isso aí.”⁵⁵

Sobre isso também relata o pedreiro José Barbosa, 59, 32 anos de profissão, quando se refere alguns materiais que são bons para um determinado serviço, mas que para outro não serve prejudicando o acabamento da obra:

“... o tijolo São Miguel é um tijolo bom, resistente e certinho não tem... não tem empeno, não tem nada. E tem o tijolo da (...) cerâmica Nascimento, é um dos tijolos mais caros da cidade, mais é um tijolo que não dá... ele é bom tijolo, um dos melhores também. Mais não dá um acabamento. Até você revestir uma parede você não fica satisfeito com a parede, não dá uma parede alinhadinha, bonita, aprumadinha. Tem o tijolo que derrete na própria mão, cê assenta ele, chapisca, quando é na primeira chuva ele estoura na parede. Aqui mesmo neste bairro, tem uma casa toda esburacada...”⁵⁶

É importante destacar, que o contato direto com estes trabalhadores me possibilitou perceber, entre outras coisas, o quão é importante para estes possuir uma profissão, seja

⁵⁴ Depoimento citado, fita n.º 20 lado A

⁵⁵ Depoimento citado, fita n.º 22 lado B

ela de carpinteiro, pedreiro, armador, pintor etc. Saber um ofício significa poder alimentar a esperança de ter um meio de continuar sustentando a família. Além disso fica evidenciado que eles tem consciência da importância do que fazem, mas também percebem a falta de reconhecimento e exploração que estão submetidos.

Antônio de forma emocionante coloca a importância e o significado de trabalhar na construção civil. E ao ter a percepção do espaço urbano enquanto espaço de “construção”, de modificação e intervenção, o trabalhador se coloca como sujeito desta história.

“...Porque uma cidade sem ... um pedrero numa cidade é muito importante, o cara que constrói ele quem faz a cidade crescer é eu acredito que é o pedrero.(...)é nas cidades eu faço casas bonitas é...casas com fachadas, coisas mais bonita, tudo feito pela mão do pedrero e não tem valô pedrero deveria ter um pouco mais de valô.”⁵⁶

Na fala de José Barbosa, notamos a preocupação deste em desfazer a imagem de que o trabalho na construção civil é fácil, onde qualquer pessoa seria capaz de executar:

“... a gente acha que é fácil, pra quem não conhece do... negócio digamos assim. Pra quem não conhece, fala isso aí é profissão fácil, trabalha de servente um mês eu aprende a trabalhar de pedrero. Não! Eu tô com 65 para 97 (...) 32 anos na área, eu não falo que eu sou um profissional assim que resolve tudo, porque dia-dia vai mudando. Sê pega uma construção, hoje uma coisa, amanhã... varia. Tem muita coisa fácil, tem mais também varia de um pra outro prédio... se fez um apartamento, se faz todos... Casa baixa não, se fez uma casa dessa aqui é um modelo, faz outra ali é outro modelo...”⁵⁷

Para Silvio a atividade que exerce não é apenas um ato mecânico, sem sentimento, é uma “arte” :

⁵⁶ Depoimento citado, fita n.º 23/a lado. B

⁵⁷ Depoimento citado, fita n.º 1 lado A

⁵⁸ Depoimento citado, fita n.º 23 lado B

“... é o contrário que todo mundo pensa ah! Cê chega assim é só ocê passá o rolo, cê separa aquilo já tá pronto. Mas não é ... igual todo mundo..(..)pintura pra mim é uma arte, não é ocê chega i passa o rolo i ... passou o rolo acabou e pronto.”⁵⁹

Ao falarem das dificuldades enfrentadas cotidianamente no setor, afirmaram que este setor sofre modificações constantes com a entrada de produtos novos, de novas técnicas de trabalho, o que implicava ao trabalhador ficar atento a essas transformações no sentido de estar sempre se atualizando. Neste sentido Reinaldo fala sobre o profissional da construção:

“... a gente tá sempre aprendendo. Todo dia tem uma coisa nova e agente tá sempre aprendendo. O cara que diz completo é... ele ainda não aprendeu tudo que ele tinha que aprendê não, tem muita coisa pra se vê ainda. Todo dia aparece coisas novas, todo dia tem um tipo de acabamento, um acabamento, uma coisa...”⁶⁰

Muitas vezes, este saber adquirido na experiência do trabalho cotidiano, executando as mais diversas atividades da construção não é valorizado pelos engenheiros de obra. Que as vezes fazem o “nome” as custas dos trabalhadores, como nos conta José Barbosa:

“Incrusive, incrusive quando eu entrei na Engenharia fui trabalhar com um mestre-de-obra (...) e o engenheiro (...) eles formou lá dentro... fez o curso de mestre-de-obra dentro da engenharia e o (engenheiro) formou lá dentro da Engenharia e continuou trabalhando na Engenharia. Mas o... (Mestre-de-obra) dependia da gente e o engenheiro também. Porque o engenheiro novo, ele num... incrusive eles tem que fazê estágio e tal. O que é fazê estágio? Praticando né. Mais... ele não resolvia os problema, eles ficava dependendo da gente. Isso assim e tal. Aí depois quando passa pro arreio a chicotada é feita, né so. Eu não, se eu dependê de sua ajuda dentro da... do meu serviço por exemplo, eu vou te deve favor e nunca

⁵⁹ Depoimento citado, fita n.º 19 lado A

⁶⁰ Depoimento citado, fita n.º 18 lado A

*vô retribuir com pancada. Assim com palavrão, com uma coisa. Cobra de você uma coisa que não tem necessidade.*⁶¹

Uma característica importante da indústria da construção civil é a crescente terceirização, incentivada pelas grandes construtoras, que se beneficiam da criação de pequenas empresas, que intermediam a contratação de mão de obra, diminuindo os custos com a produção.

Essas pequenas firmas que são conhecidas entre os trabalhadores como “gatos”, são em muitos casos abertas por ex-funcionários das empresas maiores, com quem fazem contratos para fazer determinada etapa da construção de uma obra. E para diminuir os seus custos, e terem algum lucro, burlam constantemente a legislação trabalhista.

Encontramos entre os trabalhadores entrevistados, alguns que haviam aberto firmas, mas logo fecharam diante das dificuldades em mantê-las devido aos altos encargos, a falta de uma experiência maior na área administrativa e calote praticado pelas construtoras maiores.

Lourivando, mestre de obra conta que quando veio para Uberlândia, ainda no final dos anos oitenta, já com uma boa experiência no setor da construção civil e diante do bom momento por qual passava o setor, (devido aos investimentos do Sistema financeiro de habitação controlado pelo BNH)⁶², abriu uma micro-empresa e ajudou a construir vários conjuntos habitacionais na cidade e região.

“Não, não é difícil, fica barato. O difícil é manter ela (micro-empresa). (...) justamente porque as firmas grandes não dá oportunidade pra pequena pra que ela cresça, certo. (...) a pequena não cresce junto com a grande fácil, porque o preço é muito barato da firma grande pra pequena. (...) em termos de itens de preço da obra, porque suponhamos cê chega numa firma grande pra pegá, vamo supô cê pega 100 casinha dela pra fazer no caso, o preço é muito pequenininho, cê vai ter que repassa pra aquele pessoal que ocê vai organizá pra podê

⁶¹ Depoimento citado, fita n.º 23 lado B

⁶² A esse respeito ver dissertação de mestrado da Profª. Beatriz Ribeiro Soares “Habitação e produção no espaço em Uberlândia. Dissertação de mestrado, São Paulo, 1988.

*praticá sua obra, seus operários, é pedreiro e servente. Então se vai empreitá pra eles, mais é um preço muito mínimo também. Mas agora, cê tem que ganhá em cima daquilo, em cima dos seus operários.*⁶³

Neste trecho da fala de Lourivando identificamos a quem vem favorecer a terceirização da economia, aos mesmos que sempre se beneficiaram com a exploração do trabalhador, os donos dos meios de produção, representados aqui pelas grandes construtoras. E alguns trabalhadores com a ilusão de conseguirem um lucro mais rápido, abrem suas firmas e ampliam essa cadeia de exploração, gerando ônus para o operário.

E para isso se utilizam de várias formas para explorar a mão de obra trabalhadora, registrando apenas uma parte dos trabalhadores contratados, aproximadamente vinte por cento. Deixando de pagar aviso prévio, FGTS, e outros direitos trabalhistas. E ao final da obra costumam fazer um acerto por cima, dando uma pequena gratificação ao trabalhador. Mas tudo isso com a conivência das empresas construtoras maiores e a própria falta de fiscalização do ministério do trabalho, que fecha os olhos diante destes absurdos.

Hoje não pode usar o nome da firma para fazer novos contratos, pois está em débito com o INSS, devido a um desacordo com a construtora que contratou sua firma e não repassou o valor combinado.

Trabalhando como autônomos estes trabalhadores convivem com a incerteza de ter ou não trabalho. Nos depoimentos isso fica evidenciado, pois ao mesmo tempo que podem conseguir até dois serviços passando um bom tempo trabalhando, pode acontecer também de não ter o que fazer por um longo período.

Pelo que pudemos perceber ao longo da pesquisa, essa incerteza leva muitos a transitarem entre os mercados, em busca de emprego para manter a família. E caso de André que diz ter trabalhado por quatro anos como autônomo, mas diante da falta de serviço e não podendo mais esperar, recorreu ao trabalho sem registro em um "gato". Sobre isso nos fala :

"....agora trabalhar por conta tem umas vantagens e tem outra quanto tem muito

⁶³ Depoimento de Lourivando da Costa Silva, mestre de obra, realizado em 25/09/97 fita n.º 11/a lado. A

*serviço, você vai bem. Agora muitas veis você passa três mês pra pegá outro serviço, então não compensa. Se faze a balança dos dois fica elas por ela, porque cê ganha menos e definitivo. Porque se tivê serviço pra trabalhar direto, não precisa outra profissão melhor e outro emprego, mas acontece que você fica até um mês sem consegui serviço Então isso dá prejuízo.*⁶⁴

Genival disse ter trabalhado em vários desses “gatos” e a impressão que teve desses subempreiteiros é de que sobrevivem as custas da produção do trabalhador. Sobre isso nos fala:

*“O gato é aquele que pega o serviço e passa pros pedrero, funcionário, que dizê o gato ganha sobre aquela produção do pedrero, se o pedrero produzir bem, ele ganha bem, se produzi mal ele ganha mal. E até perde. Esse é o sistema do gato. E o gato é o problema...o gato de gato é gato mesmo, é aquele que dá uma unhadinha e esconde o resto e assim fica. O problema de gato é esse*⁶⁵

Com relação ao pagamento da contribuição do INSS, a qual teriam acesso a aposentadoria por tempo de serviço, conforme legislação em vigor. Nenhum dos entrevistados estavam pagando. Muitos disseram que contribuíram por um determinado tempo, mas que diante das dificuldades financeiras e do próprio descrédito provocado pelos benefícios oferecidos ao trabalhador abandonaram o pagamento. Não se conformam em ter que receber depois de tantos anos trabalhados um benefício tão pequeno. Sobre a perspectiva de aposentarem diziam ter esperança de uma ou mais casas de aluguel ou mesmo um comércio, que lhes possibilite ter uma vida mais digna .

Através da fala de Silvio notamos a falta de confiança e a reação negativa dos trabalhadores, frente ao pagamento de uma contribuição que concretamente não vêem o retorno social , no sentido de permitir uma melhoria nas suas condições de vida:

⁶⁴ Depoimento citado, fita n.º 12 lado A

⁶⁵ Depoimento citado, fita n.º 13 lado B

“... eu já paguei o INPS mais não resolve tanta coisa assim não(..). a respeito de aposentadoria.... na hora que você precisa daquilo lá mesmo cê... mesmo cê pagou tantos anos e ainda cê tem que desembolsa dinheiro ainda pra cobri é... esse negócio de ocê pagá essa... esse INPS ai eu acho... sei não, pra mim não funciona. Porque muitas veiz se paga tantos anos se vai precisa de uma coisa e eles vão te cobra mais sê tira do seu bolso, sendo que você pagou por aquilo. E mesmo quando se aposenta por isso, se aposenta com um salário mínimo só. É muito pouco pra sustentá uma família.”⁶⁶

Orlando pensa em se aposentar ,mas tem consciência de que não conseguirá sustentar a família, caso fique dependendo da aposentadoria paga pelo INSS. Por isso está providenciando sua própria aposentadoria, através da construção de casas para alugar . Pretende com isso obter uma renda melhor na velhice. Como nos fala:

“A minha aposentadoria que eu penso é a minha...aposentadoria por conta própria, eu não conto com o INPS. Pode até acontecê que ele venha pur acaso, mais eu te esperança dele ou contá com ele, eu não conto não. Porque a política hoje em dia é muito, muita fajuta pra mim tá com nada não. Salário de fome, então veja bem eu tô procurando, tô usando a cabeça, tô lutando pra vê se eu faço a aposentadoria por conta própria(..)se eu consegui a viver mais eu quero te ai umas três ou quatro casas de aluguel, o meu pensamento é esse. Então vai me dá uma aposentadoria melhor do que essa do INPS.”⁶⁷

Para Reinaldo são poucas as alternativas colocadas aos trabalhadores, no momento em que o corpo cansado, agredido pelo trabalho pesado na construção não suporta mais continuar. Assim expõe:

“..aquele que deu sorte no caso digamos é...fez grandes obras, ganhou dinheiro

⁶⁶ Depoimento citado, fita n.º 19 lado B

⁶⁷ Depoimento citado, fita n.º 10 lado B

praticamente fez alguma economia. Esse tem um pezinho de meia, seja uma rendazinha, através de um aluguel, é um dinheirinho aplicado , uma coisa assim que possa é dá uma garantia a estabilidade dele na velhice. Mais a maioria é o seguinte quando chega a aposentá no caso aí vai vivê de é... com a contribuição do INAMPS (..) quando chega na época de aposentá tem aquela mensalidade, como tipo uma pensão..(..) vamo supô aquele que não pagou vai te que vivê a custa da família é...'⁶⁸

⁶⁸ Depoimento citado, fita n.º 7 lado B

CAPÍTULO II

VALORES E SIGNIFICADOS DAS PRÁTICAS COTIDIANAS

Neste capítulo procuro resgatar outros aspectos do cotidiano dos trabalhadores, que estão vinculados ao trabalho. Mas que por motivo didático procuro aqui expor separadamente. Busco apreender os significados atribuídos por esses trabalhadores aos demais aspectos que fazem parte de sua trajetória de vida.

Antes de continuar a exposição gostaria de salientar que os entrevistados residem, em sua maior parte, nos Bairros: Planalto, Jardim das Palmeiras e Jardim Canaã. (região noroeste da cidade).

Os bairros Jardim das Palmeiras e Planalto surgiram como loteamento sem nenhuma infra-estrutura, no final dos anos 70. Hoje, após muitas reivindicações, por parte de seus moradores, possuem praticamente todos os equipamentos urbanos.

Em relação ao bairro Jardim Canaã, também surgiu como loteamento em 1990, numa área com graves problemas ambientais, sendo por isso motivo de ação popular⁶⁹, junto ao poder público, no sentido de garantir a população providências para evitar a degradação ambiental. Além disso reivindicam a instalação de rede fluvial de captação de esgoto (parte do bairro ainda não possui esse serviço) e o asfaltamento total do bairro, hoje restrito apenas as ruas em que trafega o ônibus coletivo. A falta desses equipamentos vem causando transtornos à população. Por exemplo, ruas esburacadas e a inexistência de áreas de lazer, até mesmo praças.

Sobre a origem destes trabalhadores, constatamos que parte destes vieram da região de Minas Gerais e Goiás, mas um grande número também veio da região

⁶⁹ Esta ação está sendo movida pelo gabinete do vereador Aniceto Ferreira e pude verificar que consta um abaixo assinado dos moradores do bairro e um laudo que atesta os problemas ambientais da área loteada.

nordeste.⁷⁰

Em busca de uma vida melhor, a procura de emprego ou mesmo fugindo da seca no sertão nordestino, estes trabalhadores desembarcam em Uberlândia atraídos por uma propaganda que forja uma cidade preocupada com a qualidade de vida. Mas nas entrevistas pudemos constatar que não foi isso que encontraram.

Muitos vieram mais de uma vez, até se instalarem definitivamente. Este é o caso de Alvaci que veio em 1978, morou aqui dois anos, mas teve que retornar a cidade dos pais pois aqui não conseguia emprego. Voltou apenas em 1990 e reside hoje no Bairro Jardim das Palmeiras. Assim nos conta:

“...em 78, a gente trabalhou aqui, morei aqui dois anos, mas como a vida não foi fácil, né, foi tendendo pra mais dificuldade pra é... sustentá a família a gente tornou a retornar de novo para Cachoeira Dourada...”

E com relação a imagem que tinha da cidade, diz:

“ Bom eu pensava que talvez a vida seria melhor, com mais facilidade. Mas a gente passou muita dificuldade aqui, não foi fácil. Mais depois que a gente habitou mais na cidade ... tem controlado bastante em vista do que a gente já né...”⁷¹

Estes trabalhadores vieram para Uberlândia através de algumas referências, seja de amigos ou familiares. E é na casa destas pessoas que vão encontrar o primeiro abrigo até conseguirem alugar uma casa.

Muitos permaneceram pouco tempo na casa destes parentes e amigos, devido a divergências, ou pelo tamanho da casa que geralmente é pequena, causando desconforto. Sendo por este motivo obrigados a procurar outra casa para morar.

⁷⁰ Sobre a vinda de trabalhadores nordestinos para a região de Minas, especificamente o Triângulo Mineiro ver dissertação de mestrado de Dalva Maria de Oliveira “ Lembrança e esquecimento, trabalhadores nordestinos no pontal do Triângulo Mineiro, nas décadas de 1950 e 1960. Puc, São Paulo, 1997.

⁷¹ Depoimento citado, fita n.º 5 lado A

Divino conta que logo que chegou com a família não tinha como pagar um aluguel e foram morar na casa de um parente:

“... Então nós morávamos praticamente umas 16 pessoas né, dentro de uma casa, de uma casa de 2 cômodo né. Até a gente estabilizar e encontrar uma casa maior né.”⁷²

Devido a problemas de relacionamento, José Lucas e a família tiveram que procurar outra casa. Com relação a isso nos diz:

“Não dava certo não, cada qual no seu canto né. (...) eu fiquei lá mais... eu trabalhava tudo bem mas a família que ficava lá ficava sendo... maltratada por eles, aí não dava. Aí eu tive que mudá.”⁷³

Orlando que veio com a família para Uberlândia em 1976 nos conta que passou nove anos morando de aluguel. Em meio as dificuldades, conseguiu comprar um terreno e fazer uma casa no Bairro Planalto, onde mora com a esposa e três filhos. Mas lembra do tempo de aluguel como uma experiência terrível, que coloca alguns limites ao trabalhador:

“ Eu passei nove anos (...) terrível né. É terrível porque você paga aluguel e... trabalha, chega aquele dia de pagá o aluguel. Ou você faz a fêra ou paga aluguel. (riso) é dureza. (...) morei na... no bairro Martins, na Presidente Roosevelt, Jaraguá e no Daniel Fonseca. E aí em oitenta, oitenta e quatro... eu construí, comprei aqui e construí no Planalto.”⁷⁴

Vindo para Uberlândia trabalhar numa construtora onde recebeu uma boa proposta, não tendo como pagar aluguel e não querendo permanecer na casa da filha, José Barbosa

⁷² Depoimento citado, fita n.º 8 lado A

⁷³ Depoimento citado, fita n.º 16 lado A

⁷⁴ Depoimento citado, fita n.º 10 lado A

resolveu morar na obra, onde ele e filho estavam trabalhando. Sobre isso nos fala:

“...aqui eu vim de Uberaba, eu trabalhava na R Franco e achei salário quase o dobro aqui(Uberlândia) e pra morá na obra, pra mim não pagá aluguel eu vou...(.) até a casa ficá em ponto de morá dentro. Eu fui pra casa de minha filha, que morava aqui no Santa Mônica e a casa era no Saraiva. Depois que a gente cobriu as casas, passou e o Tarso (filho mais velho). E passou a morá na obra pra não sê preciso pagá aluguel e nem tá morando na casa de ninguém....”⁷⁵

A mudança constante de casa é um aspecto comum na vida destes trabalhadores, que pelas dificuldades financeiras e os baixos salários, são obrigados cada vez mais a procurar um aluguel mais barato. Antônio nos fala sobre isso:

“...morei no Luizote, morei no Tubalina, morei no Jardim das Palmeira, duas vez, lá na ... quando tava no Tubalina, trabalhei numa fazenda perto do Prata, nove mês, sempre fiquei lá com a família . Vinha de quinze em quinze dias, só fazia a fera e voltava.”

E com relação as constantes mudanças diz:

“Mudava pur conta das condições da casa e o valô do aluguel também. E porque se eu pagava comparação cem real de uma casa, ai via otra melhor, pur oitenta, setenta, eu saía daquela ia para aquela otra. Foi o que fez eu morá num monte de casa de aluguel.(.) Aí resolvi comprá um terreno aqui, aí não vou casca fora do aluguel, seis ano que eu paguei de aluguel, Deus me livre, se fosse calculá tudo hoje dava pra faze uma casa dessa e deixá pronta. E o dinheiro mais perdido que a gente paga.”⁷⁶

A saída do aluguel é para os trabalhadores um processo demorado, que requer sacrifícios, e muitos, como Antônio, só conseguem construir sua casa própria, através da

⁷⁵ Depoimento citado, fita n.º 23/a lado B

⁷⁶ Depoimento citado, fita n.º 17 lado A

compra de um terreno financiado. Isto implica , pagar o aluguel da casa onde estão morando, dar conta das despesas domesticas e ainda pagar as prestações altas do terreno.

Expulsos para a periferia da cidade, devido ao alto preço dos terrenos nas áreas mais próximas ao centro e que possuem infra-estrutura, buscam no lançamento de novos loteamentos, a possibilidade de adquirirem um terreno e construir, fugindo assim do aluguel. Mudam-se mesmo sabendo da falta de quase tudo , como água, luz, esgoto entre outros equipamentos urbanos.

Silvio explica os motivos que levaram, ele e a família a mudarem-se em 1990 para o bairro Canaã:

“Primeiro foi o lançamento de um loteamento que ..eu acho assim foi o que deu mais certo pras condições financeira. Vamo ajuntá dá essa entrada e vambora paga aí ... um salário por mês é uma coisa que a gente tava pagando lá na cidade né. Então foi uma opção assim: um loteamento novo , não tão longe....do centro é que fez a gente....aquela vontade de te um chão próprio e vim pra cá , sem água, sem luz, sem esgoto.”⁷⁷

A importância de possuir um lugar para morar, sem ter que dar satisfação para ninguém, sem ter a preocupação com o aluguel no final do mês, fez com que muitos destes trabalhadores, não podendo comprar um terreno a vista buscassem junto as imobiliárias formas de pagamento parcelado do terreno. Para assim poder construir e deixar de pagar o aluguel.

Pelo que pude perceber com as entrevistas é comum entre os trabalhadores a solidariedade no momento da construção da casa. Contam com a ajuda dos vizinhos no momento em que precisam de água para começarem a fazer a base, um colega de serviço ajuda a fazer um telhado entre outras coisas. A ajuda de parentes também é muito comum, seja como mão de obra na construção ou ajudando com materiais diversos. Essa experiência de construção aparece nos depoimentos sempre carregada de um certo orgulho , um valor

⁷⁷ Depoimento citado, fita n.º 19 lado A

importante enquanto possibilidade de ser ajudado e ajudar o outro.

Sobre isso nos diz Silvio:

“Não a gente teve a ajuda de... praticamente quase todo mundo né. Do meu sogro, todo mundo aí... colega, só confirmar que foi feito assim: é não 100%, digamos 60% tem que mexê muito coisa ainda mais só de saí do aluguel o importante era... eu coloquei na cabeça vamo saí do aluguel, então vamo. Vamo faze do jeito que dê pra faze e vamo entrá pra dentro né. Mais teve ajuda de muitos amigo, teve muita ajuda. (...) eu tirei um tempo pra ... começa a faze né. Tipo aí uma semana, duas semana, um mês mais ou meno né. O mais rápido possível pra você sai do aluguel.”⁷⁸

Ao sair do aluguel estes trabalhadores estão tomando uma decisão muito importante em suas vidas, significa um alívio, na medida em que não precisam mais contar o dinheiro e separar a parte do aluguel. E além de tudo significa tranquilidade e conforto. Mas tudo isso demora a ser conquistado, principalmente quando pagando uma prestação alta do terreno, a única saída é fazer um cômodo ou dois, as vezes sem nenhum acabamento. E' aos poucos, ao longo do tempo, quando conseguem um serviço bom é que podem ampliar e fazer algumas melhorias na casa.

Em alguns momentos não esperam nem mesmo cobrirem a casa, sem dinheiro para continuar a construção da casa e tendo que pagar aluguel, mudam-se com a família. Sobre essa experiência fala Alvaci:

“...Mais assim que tirou o escoramento da casa eu entrei pra dentro, acabamo um pouco o que tinha por causa da chuva né, devido não te condições de pode faze a cobertura da casa, mais hoje graças a Deus eu fui vitorioso, porque já se encontro mais tranquilo.”⁷⁹

Observando as casas destes trabalhadores notamos que estão sempre por fazer,

⁷⁸ Depoimento citado, fita n.º 19 lado A

⁷⁹ Depoimento citado, fita n.º 5 lado A

são construções das mais variadas, em estágios diferentes, umas ainda sem reboco, outras sem telhado tendo apenas como proteção da laje um plástico cobrindo. Isto reflete as condições de sobrevivência a que estão expostos.

Mas independente disso, o significado de possuir uma casa extrapola o valor financeiro, a casa não é apenas uma moradia, possui um valor social, é a expressão de suas lutas.

Para Genival não é diferente, a casa tem uma importância fundamental na sua vida. Sonha com uma casa melhor que possa se destacar dentre as outras:

"... toda importância que uma pessoa pode ter... é uma casa (...) em tudo por tudo, é o seu sossego, é cê sabe a hora que ocê chega, a hora que cê sai, pra tudo. É sua, cê sabe, cê manda e desmanda, sabe o que faz. (...) Casa ninguém acaba, ela acaba com a gente e a gente não acaba com ela. Mas eu vou conseguir fazer pelo menos uma parte do sonho eu vou conseguir. Se Deus quiser. (...) eu tenho uma casa mais bonita da região do bairro, simplesmente. É sempre conhecida por... pela minha pelo meu nome, sabe que é fulano de tal que mora ali, aquela casa é dele. E não é pra vendê, não é pra nada, é pra morá mesmo. E eu consigo."⁸⁰

Uma das formas encontradas para realizar melhorias nas suas residências é a compra gradual de material, esperando a oportunidade de conseguir dinheiro o suficiente para efetuar a reforma.

Sobre isso nos fala Divino:

"hoje a casa pode se dizer que dá pra poder morar, eu estou bem aqui dentro (...) só que a gente tá sempre querendo melhorar a casa da gente. Eu pretendo melhorar, eu tenho 3 telhão que eu consegui comprar graças a Deus. Tenho 2.500 tijolão, tenho um caminhão de areia e assim que eu voltar a trabalhar eu vou fazer dois cômodo né, pra poder né. Dá assim aquela estabilidade de mais espaço né, na casa de dois cômodo... hoje mesmo minha família tava toda aqui, ficaram a metade do lado de fora, né, porque numa casa de 2 cômodo se não

⁸⁰ Depoimento citado, fita n.º 13 lado A

tem espaço.”

Com relação a casa que sonha possuir, diz:

“Bom. Eu gostaria que ela fosse uma casa maior, de mais ou menos três cômodo. Alias três quarto, sala, cozinha, 2 banheiros e eu pretendia assim que ... um plano futuro...(.) assim se eu desse da conta de construir um cômodo de comércio né, aqui ao lado pra ... pra gente pode trabalhar, quê dizer pra gente te uma estabilidade melhor....”⁸¹

Para a maioria dos trabalhadores o acesso a casa própria ainda é um sonho distante, impossibilitado pelos baixos salários e o valor elevado dos financiamentos. É o caso de Ronaldo que ganha, pouco mais de 200,00 (reais) é utiliza parte para pagar o aluguel da casa no Bairro Jardim das Palmeiras, que divide com a mãe e duas irmãs menores, que trabalham de doméstica, mas no momento da entrevista estavam desempregadas .

Antônio que recentemente adquiriu um terreno financiado no bairro Jardim Canaã, onde mora com a esposa e três filhos, em uma casa ainda sem cobertura. Revela no seu depoimento a contradição em que vive os trabalhadores da construção. Quando constróem várias casas para os “outros” e não tem uma para abrigar a família. Assim nos diz:

“É ... onde é que eu falo, acho que pedrero tinha que cê ... tinha que...sê uma das pessoas que....tivesse mais apoio, pelo menos assim é ... ter um terreno, doado ou mesmo pagando baratim. Porque constrói pros otros e não tem pra ele! E o dinheiro o... salário de um pedrero hoje é ... num dá pra ele comprá terreno, construi casa boa, pelo menos tivesse um órgão que ajudasse o pedrero, tivesse umas condições melhor de vivê ô. (..)muitos termina a vida e não tem casa pra morá...mesmo sendo filho da ..natural da cidade. Porque tem muitas, tem pessoas né, nascida e criada aqui, velho que eu acho que não tem uma casa pra morá, tem muitos. Que isso ? falta de conhecimento das autoridades, do prefeito, do governo, devia te um pouco de conhecimento nesse ponto.”⁸²

⁸¹ Depoimento citado, fita n.º 8 lado A.

⁸² Depoimento citado, fita nº1 lado A

A regularidade com que aparece o tema da moradia nos depoimentos destes trabalhadores, demonstra a dimensão da importância que atribuem a esta. Este sonho da conquista de um espaço leva estes trabalhadores a procurarem junto as imobiliárias e corretores do setor, formas de adquirir um terreno.

Aproveitando-se dessa situação a indústria da especulação urbana lança periodicamente loteamentos em várias partes da cidade. Geralmente localizados distantes do centro, em áreas periféricas, permitindo a valorização de outros terrenos ou bairros mais próximos.

Essa especulação é percebida pelos trabalhadores, que em seus depoimentos retratam essa lógica de valorização dos terrenos, dificultando o acesso do trabalhador. É o que notamos na fala de André :

“...todo mundo acha que o Canaã por ser um bairro novo, se desenvolveu mais que os otros. Então valorizou bastante, mesmo o Canaã. Então hoje é difícil você encontrá um terreno no Canaã pra compra a vista, porque a prestação sempre tem né, porque as imobiliárias deixa né, pra vende os mais valorizado depois...(...) quando eu mudei pra qui cê comprava um terreno por... 1.500, 1.600 reais. Hoje com dois, dois e trezentos, três mil ou menos cê não compra...” ⁸³

Reinaldo encontra na especulação imobiliária as razões que levaram o bairro Jardim das Palmeiras, onde mora, a não ter se desenvolvido tanto quanto os bairros mais próximos. Entende que muitas pessoas comprem um terreno ou mais apenas para efeito de investimento, esperando que este valorize, enquanto isso nenhuma benfeitoria. Assim nos fala:

“...Quando eu vim pra cá eu vim no início, mais se considerar em ... em nossa volta aí os otros bairro que surgiram depois, o Jardim das Palmeiras ficou para traiz. Ficou para traiz

⁸³ Depoimento citado, fita n.º 12 lado A

em termos o seguinte: foram vendidos lotes aqui pra pessoas que não tinham intenção de construir, mais pra apricar dinheiro. Cê entendeu. Então otros bairro foram feito assim estilo é...é pra classe que...(.)de poder aquisitivo menor então foram...crescendo mais rápido. Aqui tem muito lote vago, ainda que tá na mão de pessoas que não tem interesse de construir...'⁸⁴

Depois de lançados os loteamentos, as imobiliárias não costumam cumprir com os contratos e não fazem a infra-estrutura básica obrigatória, como água, luz e rede esgoto, foi o que aconteceu no Bairro Jardim Canaã. E ainda contam com a conivência do poder público, que tem uma fiscalização ineficiente e não aplica a lei municipal que prevê a implementação desses equipamentos urbanos.

É com essa realidade que convivem estes trabalhadores, morando em lugares distantes onde não contam com o mínimo de infra-estrutura e com o descaso das autoridades e a inexistência de infra-estrutura.

Essas dificuldades impõem a estes trabalhadores uma nova rotina em suas vidas, que muitas vezes vinham de casas onde pagavam aluguel e contavam com infra-estrutura. Diante das carências apresentadas nesses loteamentos, tiveram que mudar seus hábitos, ou mesmo improvisar. Como descreve Silvio:

"... muda mesmo é porque você chegava lá a... aonde a gente morava com água e luz, cê chegava cê tinha sua televisão pro cê assistir, pro cê descansá, tinha sua geladeira pro cê talvez chegá e toma sua cervejinha, por pra gelá sua água fria. Aquele banho quente. Aí chegando aqui não acontecia não é... cê ficava meio chateado por esse probrema, mais em compensação cê ficava feliz de te é o que é seu, sem te a preocupação do pessoal chegá enchê o saco, né."

E ainda acrescenta com relação as dificuldades:

"... nois ficou um tempinho sem luz... um tempinho não! Um tempão, aí quando nois

⁸⁴ Depoimento citado, fita n.º 7 lado B

comprou uma televisão a bateria, poucas horas que desse pra assisti, mais tudo bem, satisfeito. (...) usava vela lampião (risos).⁸⁵

Essas privações também estavam presentes quando tinham que fazer as compras, ainda no início do bairro, sem contar com um comércio que pudesse atender suas necessidades de consumo, ou mesmo havendo, com preços mais elevados. Procuravam se deslocar para outros bairros, as vezes fazendo longos percursos.

É nesse ato ir as compras, que muitos disseram realizar, que experimentam e apreendem novos valores. Marizo nos conta que no início, fazia as compras sempre acompanhado em um parente ou amigo, pois tinha dificuldades de identificar os produtos. Mas ao longo do tempo foi aprendendo e hoje diz não precisar de acompanhante. Extraímos aqui este trecho:

“É antigamente quando eu vim pra cá logo, eu fazia as compras precisava de ... e minhas irmã i comigo ou algum parente, né. Hoje eu vou fazer umas compra, hoje eu não preciso mais de...de irmã, não preciso mais de parente, de mais ninguém pra i comigo, sozinho mesmo faço. Eu chego no supermercado ... aquela numeração tudo dos trem, o preço das coisas tudo eu sei, eu...eu tô vendo ali aquele nome, eu tô ... tô vendo os preço, tô conhecendo tudo aquilo, né....”⁸⁶

Com relação ao acesso a saúde, estes trabalhadores vivenciam uma situação difícil, pois alguns postos ficam distantes de suas casas. E além disso o atendimento é ruim e demorado, obrigando-os a dormir nos posto de atendimento, denominados Uais - Unidade de Atendimento Integrado. No bairro Planalto se localiza a UAI referência de saúde para a região onde moram os entrevistados.

Convivem com as longas filas, que se formam ainda no dia anterior a marcação de consultas. Muitos levam cobertor e colchão para suportar o frio da madrugada. Sobre essa

⁸⁵ Depoimento citado, fita n.º 19 lado A

⁸⁶ Depoimento citado, fita n.º 14/2 lado A

situação nos fala Alvaci:

“Segundo eles fala que construiu muito posto de saúde pra evitá que esse pessoal fosse posá, passa a noite num hospital, seja nuns posto de saúde. O pessoal tá com o mesmo sacrificio...(..)porque a pessoa que posa num posto de saúde pra consegui uma consulta pro, pro otro, no otro dia tem que marcar duas consulta, uma pra quem ele foi pra marcá e otra pra ele, porque quem posa num posto de saúde jamais vai amanhecê com a mesma saúde, porque só dele passá a noite todinha ali deitado, num piso frio ali, que situação não fica uma pessoa dessa? arriscado até pegá duma hora pra otra uma pneumonia e a pessoa já não podê nem vim pra casa, já pode principalmente fica internado.”⁸⁷

Quando Alvaci se refere a construção de postos de saúde com o intuito de acabar com as filas e melhorar o atendimento, ele está se referindo a propaganda do governo municipal, no momento em que criaram as Uais e alardearam pelos meios de comunicação que com a sua implantação a população teria mais conforto e agilidade. Mas a realidade mostra que a situação caótica persiste.

Essas denúncias de mal atendimento estão muito presentes nos depoimentos destes trabalhadores. E diante disso muitos desistem do tratamento ou adiam ao máximo a ida aos postos de atendimento.

É o caso de Ronaldo que com fortes dores de coluna, procurou o Uai do bairro Planalto para receber atendimento e diante da demora voltou para casa e buscou um tratamento alternativo, como nos conta:

“É difícil demais rapaiz é...essa semana mesmo eu tirei um dia pra i lá, fiz a fichinha e tal. Aí o rapaiz falou: -Cê vai lá junto corredê e fica esperando, que eles vai te chamá. Eu fiquei lá...duas horas, até as seis e meia da tarde e ninguém me chamou aí eu peguei e vim

⁸⁷ Depoimento citado, fita n.º 5 lado B

*embora.(...)E pra mim será um pouco da coluna eu tô dormindo no chão, esses dia.*⁸⁸

O atendimento feito nos postos e hospitais de saúde público, pelo que pudemos evidenciar nos depoimentos, expõe de maneira vergonhosa, os critérios que são utilizados para o atendimento da população. Sendo feito de maneira desigual e preconceituosa, na medida em que para ser bem atendido o critério usado por alguns funcionários é o grau de apadrinhamento e a quantidade de dinheiro que o paciente apresenta possuir. A esse respeito Divino nos contou que depois de sofrer um acidente de moto, quando voltava do trabalho, precisou fazer uma cirurgia. Porém a mesma foi desmarcada várias vezes para que outros pacientes “apadrinhados” pudessem fazê-la. E assim nos relata:

*“... lá na Medicina fiquei lá praticamente 30 dias né. É marcaram minha cirurgia quatro vezes e cancelaram né. E é o seguinte lá na Medicina: se tiver alguma assim... se você for pobre e for operar e chegá um rico, eles passam na frente, que já aconteceu... que aconteceu comigo lá, duas vezes. Operou um senhor lá de idade porque o sobrinho dele trabalhava lá dentro da Medicina, era médico lá, a outra sobrinha era médica. (...) O outro rapaz, um outro burguesinho, tinha sempre celular lá dentro no quarto dele lá né. (...) ... essas duas pessoas chegaram com o mesmo problema que eu, com a perna quebrada né, eles foram passado na minha frente, porque tem dinheiro, tem um padrinho lá dentro. Então enquanto eu não tinha ia ficando por último...”*⁸⁹

Entre as doenças mais comuns no setor da construção os trabalhadores afirmaram ser problemas relacionados a coluna vertebral, aparecendo também os ligados a visão e intestinais. Relacionados principalmente ao peso excessivo que estão expostos e o contato direto com produtos que agredem o organismo. Sobre o perigo dos produtos da construção nos fala José Barbosa:

⁸⁸ Depoimento citado, fita n.º 9 lado A

⁸⁹ Depoimento citado, fita n.º 8 lado A

“...o que prejudica a saúde é cal, o cal hoje tem muito gesso, ele não é um cal puro mais, igual antigamente. De primeiro o cal servia até de remédio , pra diarreia, esse tipo de coisa. Hoje ocê ...tem que te cuidado. O cimento toda vida foi uma coisa ofensiva, toda vida quem mexe com cimento tem que tomá muito leite e ... porque ... porque cê vai respirando vai recebendo aquele...a não sê otras químicas, digamos assim: Neutrol, tinta óleo, Idol e Thinner. Isso aí é ... tudo é material de construção e´ ... ofensivo.”⁹⁰

Apesar de reconhecerem que estes produtos prejudicam a saúde , o que notamos é que eles não tem o hábito de utilizar equipamentos de proteção. Um dos motivos que talvez possa explicar fato, é que como autônomos arcarfinanceiramente com esses equipamentos, e por isso diante dos baixos rendimento não conseguem comprar.

Procuramos também ao longo da pesquisa identificar junto as estes trabalhadores as formas de lazer presentes nas suas vidas. E percebemos que o trabalho como autônomos, ocupa a maior parte do tempo de suas vidas, pois se deslocam para vários pontos da cidade, trabalhando aos sábados e as vezes até aos domingos. E o pouco tempo que lhes restam, dedicam a atividades diversas como, assistir televisão, executar pequenos reparos na casa, ir a igreja, visitar parentes e amigos, pescar nos córregos próximos e participar de algumas festas ocasionais.

Mas um hábito comum entre os trabalhadores é beber , alguns preferem comprar a bebida e levar para casa, mas muitos disseram frequentar os bares próximos as suas casas. Ao contrário do que alardeiam os meios de comunicação e pregam as classes dominantes, frequentar o bar para estes trabalhadores é uma diversão, mas também é o lugar onde encontram os colegas, e ficam sabendo de trabalho.

Isso pode ser percebido no depoimento de André:

“...vou no bar tomá uma cerveja com os amigo, brincá uma sinuca, conversar. Quem trabalha a semana toda, o domingo tem que pelo menos descansá.(..)tem os bar aqui perto e ai a gente encontra os amigo...pra conversar. (..)Muitas veiz também ... muitas veiz você

⁹⁰ Depoimento citado, fita n.º 23/2 lado B

sabe que tá precisando do serviço e um colega tá parado, cê fala pra ele: -Olha fulano tem um serviço, você vai lá. Então existe esse convívio um com o outro, quando são amigo...⁹¹

Ao se referirem as festas que costumam frequentar na cidade, muitos disseram ter ido algumas vezes a feira agropecuária (Camaru), as casas de forró. Mas quando perguntado sobre esse assunto, era comum entre os trabalhadores, especialmente os nordestinos, fazerem referência as festas próprias de sua região de origem. Como por exemplo, o clima como eram realizadas, a oportunidade de rever amigos e parentes. Era o momento em que a cidade toda parava para comemorar a festa da padroeira, a farinhada, a vaquejada.

José Lucas que ainda tem planos de retornar a cidade de Currais Novos, no Rio Grande do Norte, lembra de uma festa tradicional, que gostava de frequentar, a vaquejada. E sobre isso nos fala:

“...eu gostava muito de i era numa Vaquejada, é uma festa que eu adorava, vaquejada.(..)vaquejada é ... o cabra com dois cavalo correndo atraiz de um boi, né. Pra pô ele no chão. Mas não era tanto por isso que eu ia, modo aquela festa. Aquilo é um...quadradão grande e aquilo tudo rodeado de barraca. Nesse tempo eu bebia, eu gostava porque começava da primeira ia até a derradeira, bebendo pinga. (risos)⁹²

As diferenças culturais são percebidas por estes trabalhadores migrantes ao retratarem a maneira como ocorre as comemorações de São João, festa junina e carnaval, tradicionais no seu local de origem. E ao se referirem a Uberlândia, percebem que elas não tem o mesmo significado e expressão. André nos fala sobre essas diferenças culturais:

“Santa Maria (estado da Bahia) era Carnaval e festa junina né. Festa junina lá é

⁹¹ Depoimento citado, fita n.º 12 lado B

⁹² Depoimento citado, fita n.º 16 lado A

tradição lá é tradição, é bom demais, tem oito dias de festa. Aqui não tem, mais lá tem.(...)deu festa de São João todo mundo ascende uma fogueira. Um liga um som, faiz um quentão, um já assa uma batata. Então existe aquele tipo de convívio, já aqui não existe isso. Eu acho que cê ascendê uma fogueira no dia de festa de São João todo mundo passa e diz aquele lá é doido, o que qui ele tá fazendo(..)eu acho que existe diferença de Estado.”⁹³

Apresentamos até aqui, neste capítulo, os problemas e dificuldades vivenciadas por estes trabalhadores, seja no momento de alugar uma casa ou construir, a vida nos bairros, os obstáculos para o acesso a saúde entre outros. Mas interessa também saber como estes reagem a essa situação, de que forma, em quais espaços.

Com os depoimentos pudemos identificar algumas dessas formas de manifestação. Elas estão presentes nos abaixo-assinados organizados e colhidos pelos trabalhadores junto a comunidade, reivindicando melhorias, na participação em comissões e associações de bairro, ajudando um vizinho na construção de sua casa.

São manifestações que expressam a luta cotidiana por sobrevivência e um mínimo de conforto e dignidade para si e a família. Como a que fizeram os moradores do Jardim Canaã, reivindicando a volta do antigo trajeto do ônibus coletivo. A esse respeito nos fala André que participou do abaixo-assinado:

“O sistema de transporte é o... daqui no Canaã até no ponto... no terminal do Planalto (bairro próximo) até qui tá bom. Do terminal pra lá é que começam as dificuldades, demora demais pro cê chega no serviço cê tem que saí de madrugada. Coisa que no otro modelo não! Cê sai já pegava ônibus direto no Umuarama, cê ia trabalhá. Hoje não, cê tem que faze duas, treis baldiação demora demais. Cê eu quero saí, o Tubalina é ali pertinho ou Jardim das Palmeiras... pra mim i no Tubalina eu tenho que i lá no (...) no terminal do Planalto, i no central. Do central retorna no Tubalina, coisa que poderia te um daqui direto no Tubalina no terminal central. Ficaria bem mais fácil pra mim. Porque muitos que moram aqui é empregada, pedreiro, tudo trabalha no Tubalina e tá tendo dificuldade.(..)Incrusive fizemo um abaixo

⁹³ Depoimento citado, fita n.º 12 lado B

*assinado, fomos pra lá e não conseguimos.*⁹⁴

Essa demonstração de inconformidade, com o que está posto, a luta pela qualidade de vida, são características importantes para resgatar o dia-a-dia de luta dessas populações em busca de cidadania. Apesar de não terem conseguido êxito, até o momento, os moradores demonstraram o seu descontentamento.

Outros como Divino participaram e até foram presidente de associação de bairro, no caso do Jardim das Palmeiras. Conta que a fundou em 1984 junto com alguns moradores. Entre os motivos que alega a iniciativa estava a possibilidade de ver no bairro a melhoria das condições de infra-estrutura, faltava quase tudo.

A criação de Associações neste período segue a uma determinada forma de política que estava centrada na criação de uma base de sustentação de apoio para o prefeito (Administração Zaire Resende), e tinha como slogan empreender uma “democracia participativa”⁹⁵. As associações eram importantes como canal de comunicação entre os moradores e a prefeitura.

Com a experiência de três mandatos, Divino deixa transparecer o jogo político existente nas relações entre prefeitura e as associações de bairro, exigindo dos diretores das mesmas a consonância com os interesses da prefeitura. Não fazer isso significa perder apoio para a melhoria do bairro.

Diante da situação Divino fez sua escolha, que pode num primeiro momento ser interpretada como uma posição cômoda :

“...Além da prefeitura sê desligada, assim sê mais afastada da associação , porque tinha um tipo de política, a gente era de um lado e a prefeitura era pelo otro, aí ficou meio difícil pra gente trabalhá. Depois eu resolvi...me aderi pelo otro lado, se não consegue nada, fica assim...te joga pra um lado, tudo que você vai faze não consegue nada. Eles vai levando, levando...(.) e se você tá do lado do mesmo político, você tem o apoio político. Aí você

⁹⁴ Depoimento citado, fita n.º 12 lado A

⁹⁵ Sobre esse assunto ver monografia de Sandra Mara Dantas “Uberlândia- Terra fértil para novas semeaduras: A Experiência da Democracia Participativa (1983-1988)”, UFU, 1996

*consegue alguma coisa, senão for isso você não...porque aí você tem aquela força, você chega e fala:- Não nois tamo do seu lado e aí ele vai interessá. ...”*⁹⁶

Foi neste mesmo período que Orlando, morador do bairro Planalto, que veio no início do loteamento, vivenciou estas mesmas dificuldades. E diante da pouca expressividade da associação de bairro, criou junto a outros moradores uma comissão para diretamente com o prefeito, reivindicar a melhoria no sistema de água do bairro. Após uma reunião unem-se a outros moradores para ir ao gabinete do prefeito Zaire Rezende, exigindo a melhoria no sistema de água do bairro. E conseguem fazer com que as máquinas do DMAE iniciem os trabalhos.

Sabendo da força que tinham quando unidos, Orlando participou de uma chapa para concorrer as eleições para a associação de bairro, não foram vitoriosos.

Essa passagem da vida de Orlando o marcou profundamente, pois diz não compreender até hoje porque a população do bairro votou na outra chapa. E descreve emocionado os projetos que tinham para o bairro:

*“...nois tinha diversos projeto, projeto bom de união, de força né. Aonde ia se criá uma comissão pra multirão, se precisasse ... faz uma reforma na sua casa, cê não tinha com o que, então participava a gente criava aquela comissão, aquele, aquele multirão e ia i fazia, sem gastá nada com mão de obra né. Se você por exemplo adoecesse né, não tivesse com o que faz sua despesa em casa, a fêra ou comprá o remédio, então participava a comissão de bairro....”*⁹⁷

São desses caminhos e sonhos construídos ao longo da caminhada, no embate com o real, concreto, que estes “novos personagens surgem em cena”⁹⁸ reivindicando a melhoria das condições de vida, se aglomerando em associações de bairro ou mesmo criando comissões para juntos exporem suas angustias, privações e a desigualdade social que

⁹⁶ Depoimento citado, fita n.º 21 lado B

⁹⁷ Depoimento citado, fita n.º 10 lado A

⁹⁸ SADER, Eder. “Quando novos personagens entram em cena”. 2ª edição Paz e Terra, RJ, 1991

vivenciam cotidianamente.

Em relação a questão da escolaridade e sua relação com a qualificação do trabalhador, os depoimentos nos revelam uma série de questões.

Frequentar a escola não foi uma tarefa fácil na vida destes trabalhadores. A grande maioria, quando criança, morava na zona rural e estavam submetidas ao árduo trabalho do campo. Ocupando desta forma boa parte do seu tempo, dificultando o acesso de modo regular a escola, pois cansados não conseguiam estudar.

Por outro lado, estas escolas geralmente eram implantadas e mantidas pelo fazendeiro, que nem sempre dava a devida importância para o ensino.

Dessa época Alvaci, que morou na zona rural em Araguari, lembra a dificuldade que era conciliar o trabalho na roça e o estudo a noite :

“...o prazo pra gente estudá a gente trabalhava muito, quando era de noite já se encontrava cansado aí já quase que não aproveitava o período que estava estudando porque o cansaço não deixava aproveitá.”⁹⁹

Reinaldo que cursou até a sexta série, passou também pelas mesmas dificuldades e principalmente porque sendo o filho mais velho, tinha que ajudar no sustento da família. Como nos conta:

“Eu fiz até na...até a sexta série...(.) Eu estudei até essa.... depois fui obrigado a abandoná justamente porque meu pai não tinha condições de me manter no estudo e eu era o filho mais velho tinha que trabalhar pra ajudar na sustentação da família, fui obrigado a abandoná os estudo.”¹⁰⁰

Lourivando nos conta que nunca frequentou uma escola, morava numa fazenda em Goiás e a escola era muito distante. Aprendeu a ler e escrever com a ajuda de uma prima. Desse momento lembra :

⁹⁹ Depoimento citado, fita n.º 5 lado B

“Nois era uma porção, era eu tinha mais irmão, tinha outros irmão dela, os parente. Ela estudou fora, um pouquinho ela aprendeu, um pouco. Então aquele pouquinho que ela estudou ela passou alguma coisa pra família, certo. Era a única que tinha na família era ela. Então atraveis dela nois aprendeu um pouco, graças a Deus, o pouquinho que eu aprendi me valeu bastante.”¹⁰¹

Através desta fala podemos perceber que o espaço da aprendizagem não está restrito a escola, a sala de aula, mas que estes trabalhadores com a luta cotidiana, vão encontrado formas de adquirir este conhecimento.

Encontramos entre os trabalhadores alguns que já haviam concluído o ensino médio. É o caso de André, que lembra ter frequentado uma escola particular para concluir o ensino médio, pois na cidade onde morava não havia escola pública que oferecesse esse ensino.

Essas dificuldades de acesso do trabalhador a educação formal nos leva a questionar o modelo de educação implantado pelas elites dirigentes deste país. Um modelo extremamente excludente, que não valoriza a experiência de vida e que transmite um saber de forma mecanicista.

Esse modelo de educação deixou marcas profundas na formação destes trabalhadores, dificuldades que permanecem até hoje sem solução. É o que percebemos na fala de José Lucas que disse ter abandonado a escola, porque só aprendia decorando:

“Eu estudei decorando, né nunca vi essa! a pessoa, a pessoa não aprendê a ler desse jeito. Aí eu vi que não dava, leitura não dá certo comigo, de jeito nenhum..(.)ai eu estudei até a 3ª série aí larguei, mais isso tudo foi decorado. Eu num...só aprendi memo meu nome e eu leio assim.....mais escrevé não escrevo otra coisa não, só o meu nome.”¹⁰²

¹⁰⁰ Depoimento citado, fita n.º 7 lado A

¹⁰¹ Depoimento citado, fita n.º 11/a lado A

¹⁰² Depoimento citado, fita n.º 3 lado A

Nas entrevistas alguns trabalhadores disseram que tentaram voltar a estudar depois de adultos, mas a dificuldade em conciliar o trabalho pesado da construção e a escola, dificultou a permanência. Sobre isso fala Alvaci:

“Eu experimentei estudá depois de casado, mas o cansaço é muito, a gente num... as forças da gente não é a mesma de antigamente, então é muito cansaço.”¹⁰³

Antônio nos conta que estudou depois de adulto no Mobral, que tinha a finalidade apenas de alfabetizar. Esse modelo de educação bancária¹⁰⁴ prevaleceu por muito tempo durante o regime militar. Sobre essa experiência nos fala:

“....Em 70 aí eu estudei no Mobral ...não foi nem um ano, não chegou nenhum ano. Aí foi quando eu tirei o diploma, aí pronto, quem tivesse o diploma tava alfabetizado.(..)Mais aí depois disso aí eu recebi o diploma, aí eu comprava livro e eu mesmo estudava sozinho e escrevia, sozinho! Sem ninguém ensiná. Com isso aí que eu desenvolvi mais um pouco.”

105

Nos depoimentos alguns trabalhadores disseram ter perdido oportunidade de emprego devido a falta de um estudo maior. E até mesmo deixaram de fazer cursos profissionalizantes, por não ter a escolaridade mínima exigida. Como nos fala José Barbosa:

“..na época eu pensei inclusive aqui em Uberlândia pensei em fazer curso de mestre de obra. (..)mas como minha leitura talvez não ia dá pra fazer, não ia dá mesmo. Então fiquei só na base da....dos braços né ... E graças a Deus, Deus me deu a inteligência que eu nunca tive dificuldade pra tocar um serviço, nunca tive dificuldade.”¹⁰⁶

¹⁰³ Depoimento citado, fita n.º 5 lado A

¹⁰⁴ Esse termo foi usado por Paulo Freire para designar aquela educação que trata o conhecimento como acumulativo e não como criação, parte da própria experiência e interesses dos indivíduos.

¹⁰⁵ Depoimento citado, fita n.º 17 lado A

¹⁰⁶ Depoimento citado, fita n.º 23 lado A

Como evidencia os depoimentos o acesso destes trabalhadores a escola foi marcado por várias dificuldades, principalmente devido a forma como se estrutura esse sistema de , que nega à classe trabalhadora um ensino de qualidade e para todos, seja na zona rural ou urbana.

CONSIDERAÇÕES E ENCAMINHAMENTOS

Ao trabalhar com este tema me propus resgatar as experiências de vida dos trabalhadores, partindo das suas próprias expectativas, suas práticas e intervenções no espaço urbano, procurando perceber a forma que lidam com valores como a religiosidade, a educação, a questão da moradia, do lazer, enfim seus modos de vida.

Quando iniciamos esta pesquisa não tínhamos a dimensão do que era trabalhar com o mercado informal, principalmente mediante o descaso da historiografia local e nacional sobre o assunto. Por isso o nosso grupo teve que construir e problematizar o objeto, tendo como fonte a história oral. O que possibilitou o contato com uma riqueza muito grande de significados e práticas.

Ao longo da pesquisa algumas questões tornaram-se preponderantes em relação a outras, pela assiduidade que apareciam nos depoimentos e pela importância atribuída pelos entrevistados.

Estas questões dizem respeito ao trabalho e a moradia. São aspectos que nos revelaram a dinâmica das relações de trabalho no setor informal e suas especificidade, como o estabelecimento por parte dos trabalhadores, de uma rede de relações de conhecimento, importantes como referencial para novos empregos, a adoção de estratégias de abordar o cliente, a importância das ferramentas para o trabalho diário, que também servem como apresentação do trabalhador. Entre outros discutidos ao longo desta monografia.

Com relação a questão da moradia, pudemos perceber e identificar as dificuldades de acesso do trabalhador a esse direito. O significado dado por estes, as formas utilizadas para a ampliação da casa, a solidariedade presente no momento da construção, ajuda de parentes, amigos e vizinhos. A casa enquanto um valor social, de identidade do trabalhador, de expressão de suas lutas cotidianas.

Outras questões devem ser aprofundadas com a discussão de uma bibliografia específica, que nos revele indícios sobre aspectos relacionados a religiosidade, educação, saúde e migração.

No transcorrer da pesquisa novas questões foram surgindo, devido a própria abrangência do tema, tornando importante o aprofundamento destas, para a melhor compreensão da experiência de vida destes trabalhadores. Questões como a problemática entre mercado informal e formal.

Tendo em vista o relacionamento existente entre estes "mercados", evidenciado nas entrevistas pelo trânsito de trabalhadores. Interessa sobretudo investigar e compreender as razões que levam o trabalhador a esse trânsito, o seu tempo de permanência e as suas particularidades, tendo como ponto de partida as experiências e expectativas destes. Para isso torna-se necessário ampliar as entrevistas, o que faremos nesta próxima etapa da pesquisa.

Mas ao trazermos para discussão as práticas e intervenções destes trabalhadores autônomos, não podemos deixar de discutir a atual conjuntura, no que concerne a desregulamentação do mercado de trabalho no Brasil.

Neste sentido, o governo federal, através de sua política econômica vem criando mecanismos no sentido de flexibilizar as relações de trabalho. Com o argumento de que os encargos sociais que incidem sobre a contratação do trabalhador, estão onerando os custos desta mão de obra e elevando os gastos das empresas.

E assim diante do desemprego crescente por qual passa a economia, a única saída apontada pelas classes dirigentes é a flexibilização dos direitos trabalhistas, que segundo estes permitiria novas contratações de trabalhadores, com um custo menor.

Mas o que o governo espera com essa política econômica é o desmonte da legislação trabalhista vigente a 53 anos no Brasil. E assim intensificar a exploração dos donos do meio de produção sobre o trabalhador. Sendo que esta foi uma conquista dos trabalhadores, através de greves, paralisações e manifestações diversas.

Neste sentido, uma das formas encontradas pelo governo para estimular essa desregulamentação das relações de trabalho é o incentivo a criação de cooperativas de trabalho. E para isso conta com o apoio das secretarias de ação social e trabalho dos Estados, que através de linhas de crédito financiam esses empreendimentos. Inclusive dando todo o apoio técnico e jurídico.

O Sistema Cooperativo já existe a muito tempo na Europa. Na legislação brasileira existe desde 1971, lei 5.764 de 16 de dezembro, que define a política nacional de cooperativismo e institui o Regime Jurídico das sociedades cooperativas e da outras providências.

Depois de decretada esta lei, se espalharam cooperativas pelo país, principalmente no campo, como as cooperativas de produtores de leite entre outras. Nas áreas urbanas o mesmo não ocorreu, necessitando ser melhor investigado as razões deste.

Mas recentemente essa lei sofreu uma modificação que veio reforçar a idéia de que o trabalho nas cooperativas não gera vínculo empregatício. Como podemos verificar na lei 8.949 de 09/12/94:

"Artigo 442- Contrato Individual do trabalho é acordo tácito ou expresso, correspondente á relação de emprego.

PARÁGRAFO ÚNICO - Qualquer que seja o ramo de atividade da sociedade cooperativa não existe vínculo empregatício entre ela e seus associados, nem entre estes e os tomadores de serviço daquela.

Essa modificação veio atender aos interesses do governo e as elites dominantes, beneficiadas pela conjuntura atual, em parte isso se deve ao grande número de trabalhadores no mercado informal. Dessa forma a elite encontra nesta proposta a possibilidade de taxar esse mercado, pois passaria a arrecadar tributos que antes estavam perdidos nesta economia informal. Porque como cooperado o trabalhador é obrigado a pagar a contribuição do INSS como autônomo.

Neste sentido ganham os empresários quando contratam os serviços de uma cooperativa, pois não precisam recolher qualquer contribuição para a previdência. De acordo com a lei Complementar n.º 84/96, cabe a cooperativa contribuir com 15% das importâncias pagas, distribuídas ou reeditadas aos cooperativados.¹⁰⁷

Ao analisarmos a criação da Cooperativa dos Trabalhadores Autônomos da

¹⁰⁷ Fonte de dados: Informativo Dinheiro Vivo nº33 de 01 de outubro 1996

Construção Civil do Triângulo - COOTRACIT, em 13/03/1997, mas que só recentemente começou a funcionar. Em uma consulta ao seu estatuto verificamos (em anexo), em uma documentação anexa, que o objetivo desta empreitada:

“... a finalidade de organizar os trabalhadores autônomos, principalmente os de mão de obra informal, proporcionando-lhes condições de aprimoramento técnico-profissional, assistência social, garantias previdenciárias e melhores condições de trabalho, que presta serviços mediante contratos, com instituições públicas, órgãos governamentais, empresas privadas de economia mista e residências.”

Está claro que a preocupação desta cooperativa é controlar o número crescente de trabalhadores que se deslocam para o setor informal, motivados em parte pela melhoria salarial e outros desempregados devido a quase paralisação do setor de construção civil formal.

O que nos causa dúvida sobre a criação e legitimidade desta cooperativa, é que ela nasce da iniciativa dos próprios diretores do Sindicato da categoria - SINTICON-TAP, que como representantes destes trabalhadores deveriam, ao nosso ver, defender os seus interesses e conquistas. Com a cooperativa existe a tentativa de “jogar uma pá de cal” em toda essa história de lutas.

O que pude perceber até o momento é que essa cooperativa se assemelha muito a prática dos “gatos”, que se apresenta como intermediário na contratação de mão de obra barata e está sob o controle de uma pessoa ou grupo restrito, principalmente se considerarmos que o presidente do sindicato é ao mesmo tempo presidente da cooperativa. E observando o estatuto da cooperativa encontramos o nome de outros diretores, que também fazem parte do sindicato.

Na entrevista com Reinaldo Rosa de Souza, presidente do sindicato e da cooperativa, fica evidenciado a preocupação com a queda do número de associados do sindicato, que no final de 1995 correspondia a 5.000 filiados e no final de 1997, aproximadamente 600 filiados.

Um dos aspectos que revelam esses dados é a queda dos investimentos no

setor da construção formal, o que provoca uma diminuição no número de contratações de trabalhadores e demonstra a pouca representatividade desse Sindicato junto a categoria. Como podemos perceber na fala de Divino:

“Bom o sindicato aqui em Uberlândia ele não é tão forte como ele deveria ser. (...) Mais só que é o seguinte né, já aconteceu greves aqui dentro de Uberlândia que o sindicato tava apoiando a gente né. E depois é ... a gente não teve aumento que a gente queria né. E as pessoas que tavam participando da greve foram mandadas embora. E o sindicato não fez nada. Então por isso muito gente é revoltado né, a gente participa de uma greve organizada pelo sindicato, a gente não consegue aumento que a gente quer parece que as firmas vai lá compra o pessoal do sindicato...”¹⁰⁸

Neste trecho do depoimento de Divino notamos a desconfiança com que o trabalhador observa os dirigentes do sindicato e sua atuação. Outros depoimentos também revelaram essa inexpressividade do sindicato. Mas esta é uma questão que precisa ser melhor aprofundada.

Em conversa com alguns trabalhadores cooperados que estavam saindo da cooperativa, justificaram a saída dizendo que entre outros motivos estava o atraso constante no pagamento. E sendo uma cooperativa isso não deveria acontecer, porque enquanto cooperados estariam todos a par da situação financeira da instituição.

Quando perguntado se haviam entrado em contato com o estatuto da cooperativa e se haviam tido alguma reunião que os informa-se sobre os seus direitos e deveres, afirmaram que em nenhum momento isso aconteceu.

Somando isso com as outras questões já apresentadas, evidencia-se o caráter oportunista com que algumas pessoas que se dizem representantes de uma categoria, se auto-promovem, e ainda criam instrumentos que são extremamente danosos aos interesses dos trabalhadores.

Dentro disso espero nesta nova etapa da pesquisa aprofundar as questões

¹⁰⁸ Depoimento citado, fôta n.º 8, lado B

referentes aos aspectos relacionados a religiosidade, saúde, educação e a migração. Além das questões sobre a problemática entre mercado formal e informal, pretendo discutir o papel da cooperativa nas relações de trabalho. Propiciando discussão junto a esta categoria das suas práticas e interferência na constituição das relações no espaço urbano, uma vez que estes trabalhadores são responsáveis direto pela concretização da paisagem urbana.

Neste sentido torna-se necessário ampliar o número de entrevistas, e articular teoricamente estas questões contando com uma bibliografia que me possibilite fazer esta discussão.

Até a concretização desta monografia um longo percurso foi realizado. Embora tenha suas limitações, este trabalho me possibilitou entrar em contato com o ato de pesquisar, e pesquisar um tema que está diretamente ligado a minha vida.

Ao resgatar as experiências destes trabalhadores contribuo de uma certa forma, no sentido de trazer para a discussão acadêmica as suas expectativas, seus sonhos, seus desencontros. A dinâmica das relações de trabalho, as singularidades do trabalho informal, a atuação e interferência destes na constituição do espaço urbano.

Neste sentido acredito ser relevante a contribuição da banca examinadora, no sentido de fazer uma reflexão crítica sobre o tema e apontar novos caminhos e discussões.

FONTES ORAIS

ANTÔNIO PEDRO DA SILVA - FITAS N.º 1e 17

Pedreiro autônomo, natural de Currais Novos, RN, 45 anos, casado, 4 filhos sendo que 3 deles trabalham com o pai. Veio pela primeira vez para a região do Triângulo Mineiro em 1958 e permaneceu por dois anos, fugindo da seca que atingia a região onde morava. Mudou-se para Uberlândia em 1990 e foi morar na casa da irmã até conseguir alugar uma casa. Atualmente mora no bairro Jardim Canaã, paga um terreno financiado, onde construiu sua casa, que ainda se encontra sem cobertura. Ingressou no setor da construção em 1976. Entrevista realizada em 13/10/96 e 15/11/97 respectivamente.

AGENÔR LINO NETO - FITA N.º 2

Carpinteiro, natural de São Tomé, RN, casado, 5 filhos. Atualmente trabalha na Usina Hidroelétrica de Miranda. Em 1960 veio pela primeira vez para a região do Triângulo Mineiro e permaneceu até 1968. Retornou em 1970 e reside em Uberlândia desde 1989. Mora em casa própria no bairro Jardim das Palmeiras. Ingressou na profissão em 1970. A entrevista foi realizada em dezembro/96.

JOSÉ LUCAS DA SILVA SOBRINHO - FITAS N.º 3 e 16

Pedreiro autônomo, natural de Currais Novos, 45 anos, casado, 3 filhos. Em 1987 veio para Uberlândia pela primeira vez e permaneceu por dois anos, retornando em 1989 para sua cidade natal. E em 1993 mudou-se definitivamente para Uberlândia. Atualmente mora em uma casa nos fundos da igreja onde sua esposa trabalha como zeladora, no bairro

Jardim das Palmeiras. Ingressou na profissão em 1976. Entrevista concedida em 22/12/96 e 09/11/97 respectivamente.

ELCIMAR APARECIDA GODOI - FITA N.º 4

Trabalha como acessora de comunicação do Sindicato dos trabalhadores da Construção Civil e Imobiliário de Uberlândia , Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (SINTICON - TAP). Entrevista concedida em Maio/97.

ALVACI CANDIDO - FITAS N.º. 5 e 20

Eletricista residencial, 46 anos, casado, 3 filhos, natural de Araguari, MG. Em 1978 veio para Uberlândia pela primeira vez, mas devido as dificuldades em conseguir emprego e pagar o aluguel, resolveu ir para a cidade onde mora seus pais, Cachoeira Dourada. Somente em 1990 retorna para Uberlândia e vai morar em casa própria no bairro Jardim das Palmeiras. E desde então trabalha como autônomo. Entrevista concedida em 03/05/97 e 25/11/97.

PAULO RODRIGUES PIRES - FITA N.º 06

Pedreiro autônomo, 28 anos, natural de Ituiutaba, MG, casado. Veio para Uberlândia em 1978. Desde então trabalhou em várias firmas de construção civil . Atualmente mora no bairro Jardim das Palmeiras e aluga uma casa nos fundos, o que lhe possibilita ter uma renda um pouco melhor. Entrevista concedida em 01/06/97.

REINALDO FERREIRA - FITAS N.º 07 e 18

Pedreiro autônomo, 46 anos, natural de Santo Antônio do Monte, MG, casado, 4 filhos sendo que dois trabalham com ele. Mudou-se para Uberlândia a mais de 30 anos e hoje reside no B. Jardim das Palmeiras. Aprendeu o ofício com o pai, pedreiro. A esposa trabalha como lavadeira e babá. Entrevista concedida no dia 15/06/97 e 16/11/97, respectivamente.

DIVINO APARECIDO GONÇALVES - FITAS N.º 08

Armador, 32 anos, natural de Paranaguara, GO, casado, 1 filho. Mora em Uberlândia a 17 anos. Depois de morar muito tempo de aluguel, conseguiu comprar um terreno no bairro Canaã. No momento da entrevista se encontrava desempregado e doente, pois havia sofrido um acidente de moto. A entrevista foi realizada em 13/09/97. Entrevista concedida em 13/09/97.

RONALDO ODILON BEZERRA - FITA N.º 09

Servente (meia-colher), 20 anos, natural de Serraria, PB, mora em Uberlândia a 6 anos. Desde então trabalha numa pequena construtora do primo, ainda sem registro. Mora em casa alugada no B. Jardim das Palmeiras, com a mãe e duas irmãs, que trabalham de doméstica. Entrevista realizada em 13/09/97.

ORLANDO PINHEIRO ARAÚJO - FITA N.º 10

Pedreiro autônomo, proveniente de Currais Novos, RN, casado, 3 filhos. Mudou-se para Uberlândia em 1976. Desde então trabalhou em várias construtoras. E hoje reside no Bairro Planalto em casa própria, onde também tem uma casa de aluguel. Durante 5 meses não trabalhou, devido a um problema no joelho. Voltou ao trabalho a pouco tempo, embora com certa dificuldade. Participou de uma comissão de moradores do B. Planalto, onde apoiou uma chapa para a associação de moradores, que não foi vitoriosa. O filho mais velho chegou a ajuda-lo por algum tempo, mas hoje trabalha na Prefeitura. Entrevista concedida no dia em 13/09/97.

LOURIVANDO DA COSTA SILVA - FITAS N.º 11a e 11b

Mestre-de-obra, 54 anos, natural de Rio Verde, GO, casado, 5 filhos. Veio para Uberlândia em 1977, foi quando abriu uma micro empresa. Hoje fechou a firma, devido a falta de pagamento de uma construtora, referente aos encargos sociais. Aprendeu o ofício com o pai, carpinteiro e no dia a dia foi ampliando seus conhecimentos. Em 1979 comprou um terreno no B. Jardim das Palmeiras, onde reside. Continua trabalhando como autônomo. Não freqüentou a escola, o pouco que aprendeu foi com uma prima por três meses na fazenda onde morou até completar 30 anos. Entrevista realizada dia 25/09/97 em minha residência.

ANDRÉ BORGES BONFIM - FITA N.º 12

Pedreiro autônomo, natural de Santa Maria da Vitória, BA, 35 anos. Veio sozinho para Uberlândia em 1990, pois a noiva já estava aqui com os pais. Casou-se e teve um filho. Morou por certo tempo em casa de aluguel e a 1 ano e seis meses mudou-se para o Canaã,

onde comprou um terreno financiado e construiu sua casa. Hoje trabalha numa pequena construtora, “gato”, sem registro em carteira. Aprendeu o ofício com o pai, mestre de obra. Concluiu o ensino médio em sua cidade natal. Entrevista concedida no dia 12/10/97.

GENIVAL MARCELINO DA SILVA - FITA N.º 13

Pedreiro autônomo, 37 anos, natural de Parambu, Ceará. Quando adolescente saiu da casa dos pais e foi trabalhar como ambulante em Brasília e Minas Gerais. Veio para Uberlândia em 1989. Morou em casa de aluguel até conseguir comprar um terreno financiado no B. Jardim Canaã, onde mora com a esposa, mãe, um filho e dois cunhados que aguardavam um emprego. Entrevista concedida em 12/10/97.

MARIZO ODILON BEZERRA - FITAS N.º 14a e b

Servente, casado, 4 filhos, trabalha numa pequena construtora, sem registro, 35 anos. Veio para Uberlândia em 1992. E desde então trabalha na mesma firma do primo, construtor. Antes de migrar, morava em Araras - PB, veio se juntar a mãe e 3 irmãos que vieram um ano antes. Atualmente mora de favor numa casa de conjunto do bairro Canaã. Entrevista concedida em 02/11/97.

REINALDO ROSA DE SOUZA - FITA N.º 15

Presidente do SINTICON - TAP (Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e Imobiliário de Uberlândia - Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba). Entrevista realizada em Outubro de 1997.

SILVIO EURIPEDES DA SILVA - FITA N.º 19

Pintor de paredes, 30 anos, natural de Uberlândia, casado, 4 filhos. Exerce a profissão a 13 anos. Mora a sete anos no bairro Jardim Canaã. Mas já morou de aluguel no B. Roosevelt, Jaraguá, e foi neste período que comprou um terreno financiado no B. Jardim Canaã. Concluiu o ensino fundamental. É músico amador e já foi integrante de banda de música. Sonha em poder algum dia, montar uma banda e conseguir o seu sustento através deste trabalho. Entrevista concedida em 16/11/97.

DIVINO MOREIRA LIMA - FITA N.º 21

Carpinteiro, marceneiro autônomo, 52 anos, natural de Caiapônia, GO, casado, 2 filhos. Veio para Uberlândia em 1980, depois de ter morado no Mato Grosso, Serra Nova e São Simão, GO, Araguari, MG. Em Uberlândia morou no Bairro Jaraguá por alguns meses e em definitivo comprou um terreno no B. Jardim das Palmeiras, onde foi um dos primeiros moradores. Foi presidente de bairro por 3 mandatos. Em 1985 passou a trabalhar de empreiteiro e por exigência das firmas, registrou em 1991 uma micro empresa. Mas fechou em 1996, devido aos encargos sociais, tributos e a sua manutenção. Estudou até a 4ª série. Desde 1984 trabalha nos finais de semana como treinador de uma escolinha de futebol do bairro. Entrevista concedida em 29/11/97.

CHARLES GONÇALVES CASTRO - FITA N.º 22

Pedreiro autônomo, especializado em acabamento, 18 anos, natural de Uberlândia. Aprendeu o ofício com o pai e trabalha com ele desde os 12 anos. Teve outras profissões como office boy e lavador de calçada. Mora no bairro Jardim das Palmeiras. Atualmente cursa o 1º ano do ensino médio. Entrevista concedida em 29/11/97.

JOSÉ BORGES - FITA N.º 23

Pedreiro, 59 anos, natural de Santa Vitória, MG, 3 filhos sendo que dois trabalham na área da construção civil. Já trabalhou como pedreiro e mestre de obra nesta cidade e outras da região, tem 32 de profissão. Atualmente mora no bairro Jardim Canaã. Entrevista concedida em 14/12/97.

OUTRAS FONTES

1. Secretaria do Trabalho e Ação Social - SETAS/SINE.
2. Estatuto da Cooperativa dos Trabalhadores Autônomos da Construção Civil do Triângulo - COOTRACIT.
3. Serviço Nacional de Aprendizagem da Indústria - SENAI.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena. História Oral. A experiência do CPDOC. R. J. , Editora Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ALMEIDA, Maria de Fátima R. Uberlândia Operária - Uma Abordagem Sobre as Relações Sociais em Uberlândia - 1950 à 1964. Tese mimeo. - UNICAMP, 1992.
- ALEXANDER, Sally. Tornar-se mulher em Londres nas décadas de 20 e 30, Projeto História, n.º 13, Jun.1996. PUC-S.P.
- ALVARENGA, N. M. As Associações de Moradores em Uberlândia: Um Estudo das Práticas Sociais e as Alterações nas Formas de Sociabilidade. dissertação de mestrado, PUC/S.P., 1988.
- AMADO, Janaína. A Culpa nossa de cada dia. Ética e História Oral. XIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1995.
- ANT, Clara and e tal. Lucio KOWARICK (coord.). As lutas sociais e a cidade de São Paulo. 2ª. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao Trabalho?: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho, 2ª ed., SP, Cortez, 1995, 155 p.
- BANAZZI, Chantal Chantal Tourtor de. "Arquivos: propostas metodológicas." In: FERREIRA, Marieta Moraes de. e AMADO, Janaína (orgs.). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996
- BARTHES, Roland. A Câmara Clara: Nota sobre a Fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. R.J. Ed. Nova Fronteira, 2ª ed. 1984.
- BRANDÃO, Carlos R. O que é Educação. S. P. Brasiliense. 1981.
- CAMARGO, Aspasia Alcântara de. História Oral: Técnica e Fonte Histórica In: PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL: catálogo de depoimentos. Rio de Janeiro, FGV/INDIPO/Princesa CPDOC, 1981.
- CASANOVA, Julian. La História Social y Los Historiadores: Cenicienta ou?. Editorial Crítica. Barcelona, 1990.
- CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. Paz e Terra. RJ, 1975.
- COUTINHO, Ronaldo do Livramento. Operário de Construção Civil: Urbanização, Migração e Classe Operária no Brasil. Rio Janeiro: Achiamé, 1980.
- DANTAS, Sandra Mara. Uberlândia- Terra fértil para novas sementeiras: A Experiência da Democracia participativa (1983-1988), UFU, 1996

- FENELON, Déa Ribeiro. O Papel da História Oral na Historiografia Moderna, (Re) Introduzindo História Oral no Brasil Oral no Brasil, (Org.) José Carlos Sebe Bom Mehy, História Hist. USP-1996, S.P.
- _____. O Historiador e a Cultura Popular. História de Classe ou História do Povo?. In: HISTÓRIA PERSPECTIVA, n_ 6., jan./jun. - 1992 - UFU, Uberlândia.
- _____. Trabalho, Cultura e História Social: Perspectivas de Investigação. Projeto História n_ 4, PUC - S.P.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.) Entre-Vistas: abordagens e usos da História Oral. Rio de Janeiro. FGV. 1994.
- FORRESTER, Viviane. O horror econômico. Tradução por LORENCINI Alvaro. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.
- FRONÇOIS, Etienne. "A Fecundidade da história oral." In: FERREIRA, Marieta Moraes de. e AMADO, Janaína (orgs.). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- GARRIDO, Jen Del Alcazar. "As Fontes na pesquisa histórica: Uma contribuição ao debate". In: Revista brasileira de História. vol.13, n.25/26 São Paulo: Marco Zero/ANPHU.
- HALL, Michel M. *História oral e os riscos da inocência*. In: O direito à memória: Patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: SMC,
- HOBSBAWM, Eric J. Mundos do Trabalho, 2ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1988, 447p.
- JOUTARD, Fellippe. "História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos". In: FERREIRA, Marieta Moraes de. e AMADO, Janaína (orgs.). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- PORTELLI, Alessandro. "Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral", em REVISTA PROJETO HISTÓRIA, Ética e História Oral, São Paulo, (15), pp.13-49, 1997.
- SALM, L. Cláudio. Escola e Trabalho, SP. Brasiliense, 1984.
- SANTANA, Charles D'Almeida. Fatura e Ventura Camponesas, Trabalho, cotidiano e Migrações: Bahi, 1950-1980, dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Graduados em História, PUC/SP, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica. São Paulo: Nova Stella, 1990.
- NIETHAMMER, Lutz. ¿Para Qué Sirve la História Oral? In: História y Fuente Oral. Espanha: Publicaciones Universitat de Barcelona, 1990.

- MONTENEGRO, Antônio Torres. História oral: caminho e descaminhos. Recife: s/d (mimeografado).
- _____. Memória e história. Recife, s/d. (mimeografado).
- _____. História oral e memória: a cultura popular revistada. São Paulo: Contexto, 1992.
- MOREIRA, Helvécio D. Formação e Desenvolvimento dos Bairros Periféricos em Uberlândia, 1991.
- PAOLI, Maria C. Trabalhadores Urbanos na Fala de Outros. Tempo, Espaço e Classe Operária Brasileira. IN: CULTURA & IDENTIDADE OPERÁRIA. Marco Zero, 1987.
- PORTELLI, Alessandro. *Sonhos Ucrônicos: Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores*. Trad. Maria Terezinha J. R. In: Revista Projeto de História, São Paulo: EDUC, 1993.
- _____. *A Morte de Luigi Trastulli e outras histórias: forma e significado na história oral*. (Trad). mimeo.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 02, n.º 05. 1989, p.3-15.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SILVA, Luzia Márcia Rezende. Os Trabalhadores em Luta pela Terra no Triângulo Mineiro: 1989/1996. Tese de Mestrado, PUC/SP, 1996.
- SOARES, Beatriz Ribeiro. Habitação e produção no espaço em Uberlândia. Dissertação de mestrado, São Paulo, 1988.
- SOUZA, João Carlos de. Cultura e valores: representações dos ocupantes de terra na zona leste de São Paulo. São Paulo: PUC, 1993. (Tese, Mestrado) mimeo.
- SOUSA, Nair H. Bicalho de. Construtores de Brasília: estudo de operários e sua participação política. Petrópolis: Vozes, 1983. THOMPSON, E. P. A Formação da classe Operária Inglesa, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- THOMPSON, E. P. A Formação da classe Operária Inglesa, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- _____. Tradição, Revuelta y Consciencia de Clase: Estudios das Crises del Sociedade Pré-industrial. Barcelona: Crítico, 1989.
- _____. A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, PAUL. A Voz do Passado: História Oral. Trad. Lálío Lourenço de Oliveira, RJ, Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistar, Michael FRISCH, Paula HAMILTON. "*Os debates sobre memória e história alguns aspectos internacionais*". In: FERREIRA, Marieta Moraes de. e AMADO, Janaína (orgs.). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

VILANOVA, Mercedes. Pensar a Subjetividade: Estatísticas e Fontes Orais. In: História Oral, Marieta de Moraes (Org.), Ed. Diadorim, RJ 1994.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo e Literatura. Zahar Editores. RJ, 1987

_____. O Campo e a Cidade. Na História e na Literatura. São Paulo, Companhia de Letras, 1988.